

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SANDRA BOMFIM LEONEL

**MUDANÇAS PERCEBIDAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES E DE
AMIZADE POR MULHERES DE MEIA-IDADE CURSANDO
A UNIVERSIDADE**

Vitória

2013

SANDRA BOMFIM LEONEL

**MUDANÇAS PERCEBIDAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES E DE
AMIZADE POR MULHERES DE MEIA-IDADE CURSANDO A
UNIVERSIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Garcia.

Vitória

2013

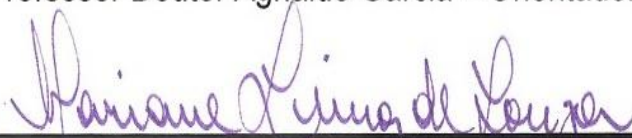
SANDRA BOMFIM LEONEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Agnaldo Garcia.

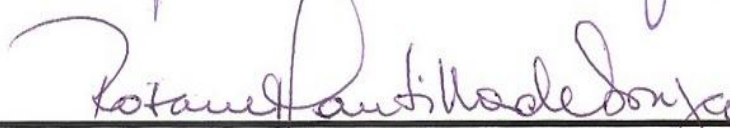
APROVADA EM 25 DE MARÇO DE 2013, POR:



Professor Doutor Agnaldo Garcia – Orientador, UFES



Professora Doutora Mariane Lima de Souza, UFES



Professora Doutora Rosane Mantilla de Souza, PUC/SP

Dedico este trabalho...

*... à todas as mulheres que, na
maturidade da vida, ousam se
transformar, realizar os sonhos,
se reinventar...assim, serem
levadas pela vida, nesse giro
constante como os passos de
uma dança, no medo da
aventura que começa e na
saúde da mulher que se
encerra.*

AGRADECIMENTOS

Aos Mentores Espirituais, que ao longo do meu caminhar me guiaram e fortaleceram para que eu seguisse adiante com coragem e determinação, em busca do conhecimento.

Ao Professor Doutor Agnaldo Garcia, que confiou em mim desde o nosso primeiro contato, na graduação, como orientador em Iniciação Científica e agora como orientador no mestrado. Agradeço pela compreensão, dedicação, serenidade e competência demonstradas durante todo o processo de orientação na execução desta dissertação, assim como no incentivo à minha trajetória acadêmica, minha eterna gratidão.

Aos Professores do PPGP/UFES, Sávio Queiroz, Paulo Menandro, Maria das Graças Moulin, Luziane Zacché, Thiago Drumond, Rosangela Seba, Suemi Tokumaru e Elizeu Batista Borloti, que contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal.

Ao professor Doutor Alexsandro Andrade e Professora Doutora Marianne Lima de Souza (PPGP/UFES), pelas valiosas críticas e contribuições no Exame de Qualificação.

À minha querida amiga e colega Janice Demuner, pelo apoio, auxílio e força na decisão de seguir mais esta etapa acadêmica. Sua generosidade e parceria nos estudos foram fundamentais para que eu chegasse aqui.

Aos colegas de mestrado, essenciais em todo processo acadêmico, em especial, Vitor, Schwanny, Terezinha Lyrio, Paula, Petra, Manu Pagotto, e outras tantas que tive o prazer de conhecer, conviver e dividir momentos de

alegrias e angústias, contribuições e trocas de conhecimento, para as quais não faltou afeto, sorrisos, abraços que me fortaleceram a cada etapa difícil.

À Lúcia e Creuza, funcionárias do PPGP e do DPSD da UFES, sempre presentes e atenciosas às nossas solicitações. Obrigada pela dedicação e paciência.

Aos meus irmãos, sobrinhos, amigos, pelo apoio, carinho e força que me proporcionaram ao longo dessa caminhada.

A todas as mulheres que aceitaram contribuir como participante desta pesquisa, deixando impressos nestas páginas suas alegrias, suas angústias e suas vitórias.

À minha mãe, minha referência na vida. Minha gratidão por ter me ensinado o respeito, a tolerância e a superação. Características imprescindíveis na imparcialidade necessária ao lidar com mudanças.

Ao meu marido e filhos, por compreenderem a importância desse momento em minha vida e estarem ao meu lado em todos os momentos da elaboração desta pesquisa. Por permitirem que eu me realizasse como esposa e mãe sem que, para isso, fosse preciso sacrificar a mulher e estudante insaciável na busca do conhecimento. Não tenho palavras para agradecer a Deus por ter cada um de vocês em minha vida,

À CAPES, financiadora que possibilitou este trabalho, reforçando seu compromisso e caráter público.

A todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a minha vitória.

Muito Obrigada.

"Contei meus anos e descobri que terei menos tempo para viver daqui para a frente do que já vivi até agora. Tenho muito mais passado do que futuro. Sinto-me como aquele menino que ganhou uma bacia de jabuticabas. As primeiras, ele chupou displicente, mas percebendo que faltam poucas, rói o caroço. Já não tenho tempo para lidar com mediocridades.

Não quero estar em reuniões onde desfilam egos inflados.

Inquieto-me com invejosos tentando destruir quem eles admiram, cobiçando seus lugares, talentos e sorte. Já não tenho tempo para conversas intermináveis, para discutir assuntos inúteis sobre vidas alheias que nem fazem parte da minha. Já não tenho tempo para administrar melindres de pessoas, que apesar da idade cronológica, são imaturos.

Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos, quero a essência, minha alma tem pressa... Sem muitas jabuticabas na bacia, quero viver ao lado de gente humana, muito humana, que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita antes da hora, não foge de sua mortalidade... Só há que caminhar perto de coisas e pessoas de verdade. O essencial faz a vida valer a pena.

E para mim, basta o essencial!"

(Mário de Andrade).

RESUMO

Diante do número expressivo de mulheres com idade acima de 40 anos, correspondendo a 35% do total da população feminina do país, observa-se um crescente interesse de mulheres nessa faixa etária em ingressar em uma universidade em busca de novos espaços e novos conhecimentos. Dessa forma, com base na obra de Hinde acerca dos relacionamentos interpessoais, essa pesquisa teve como objetivo investigar as mudanças percebidas em suas relações familiares e de amizade, por mulheres de meia idade, casadas e com filhos, após a sua inserção em uma graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. Foram averiguadas as mudanças percebidas no relacionamento com os familiares (cônjuge e filhos), mudanças percebidas no relacionamento com amigos antigos e o estabelecimento de novas amizades, a partir da sua entrada na universidade. Foram entrevistadas oito mulheres, graduandas da UFES, com idade entre 40 e 60 anos. Os dados foram obtidos através de entrevista semiestruturada e analisados qualitativamente. Os resultados obtidos foram divididos em categorias enfatizando as expectativas e desafios no retorno aos estudos, a influência da vida acadêmica na prática cotidiana, nas relações familiares e nas relações de amizade, os planos futuros da mãe/esposa na visão dos familiares, o significado da vida acadêmica para a mulher na meia-idade. Constatou-se que a entrada na universidade foi permeada por conflitos, preconceitos, acúmulo de funções e estresse se contrapondo à realização pessoal, crescimento intelectual, novas construções de amizade e ressignificação da vida.

Palavras chave: mulher na meia-idade; relacionamento interpessoal; relações familiares; amizade; universidade.

ABSTRACT

Given the number of women aged over 40 years, corresponding to 35% of the total Brazilian female population, there is a growing interest of women in this age group to join a university searching for new opportunities and knowledge. Thus, based on the work of Hinde about interpersonal relationships, this work aimed to investigate perceived changes in the family relationships and friendships of middle-aged women, married with children, after their insertion in a undergraduate course at the Federal University of Espírito Santo. The perceived changes in relationships with family members (spouse and children), in relationships with old friends and establishing new friendships after their university entrance have been investigated. Eight women aged between 40 and 60 years, regular undergraduate students at UFES have been interviewed. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed qualitatively. The results were divided into topics emphasizing the expectations and challenges in returning to studies, the influence of academic life in everyday practice, in family relations and in friendships, the future plans of the mother / wife in the eyes of family members, the meaning of academic life for the middle-aged woman. It was found that the university entrance was permeated by conflicts, prejudices, and accumulation of functions and stress besides personal achievement, intellectual growth, the development of new friendships and reframing of life.

Keywords: woman in midlife, interpersonal relationships, family relationships, friendship, university.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
1.1. Mulheres na Meia-Idade: Transformações, Conflitos e Relações.....	12
1.1.1. Uma Etapa Intermediária da Vida Adulta.....	12
1.1.2. Alterações Biopsicossociais da Mulher na Meia-Idade.....	14
1.1.3. Conflitos Vivenciados na Meia-Idade.....	16
1.1.4. Influências Culturais no “Ser Mulher”.....	17
1.2. Contextualizando a Mulher e as Relações Familiares no Brasil.....	18
1.3. Redes Sociais e Relacionamentos de Amizade entre Adultos.....	21
1.3.1. Redes de Relações Sociais Formando Sujeitos.....	21
1.3.2. Relacionamento de Amizade na Vida Adulta	23
1.4. Relacionamento Interpessoal na Universidade	28
1.5. Relacionamento Interpessoal na Visão de Robert Hinde.....	32
1.6. Justificativa e Objetivo.....	36
2. Método.....	38
2.1. Participantes	38
2.2. Instrumento de Pesquisa	42
2.3. Procedimento de Coleta de Dados.....	43
2.4. Procedimentos de Análise de Dados.....	43
3. Resultados e Discussão.....	45
3.1. Expectativas e Desafios no Retorno aos Estudos	46
3.1.1. Atividades Exercidas Anteriores à Vida Acadêmica.....	48
3.1.2. Impedimentos no Estudo em Idade Regular.....	48
3.1.3. Retorno aos Estudos na Meia-Idade.....	49
3.2. Influência da Vida Acadêmica na Prática Cotidiana	51
3.2.1. Mudanças na Rotina a Partir da Entrada na Universidade.....	51

3.2.2. Desafios Enquanto Estudante	53
3.3. Influência da Vida Acadêmica na Relação Familiar.....	54
3.3.1. Mudanças na Prática da Interação Familiar.....	55
3.3.2. Reconfiguração das Funções Domésticas entre os Familiares	56
3.3.3. Participação da Família na Vida Acadêmica	57
3.3.4. Planos Futuros da Mãe/Esposa na visão dos Familiares.....	57
3.3.5. Universidade e Relações Familiares – Discussão.....	58
3.4. Influência da Vida Acadêmica nas Relações de Amizade	60
3.4.1. Relacionamento Interpessoal na Universidade	61
3.4.2. Construção e Propriedades das Novas Amizades	62
3.4.3. Atividades com os Novos Amigos	64
3.4.4. Distinção entre Amizades Antigas e Amizades Recentes.....	64
3.4.5. Mudanças na Rotina com Amigos Antigos	67
3.4.6. Universidade e Amizade – Discussão.....	68
3.5. O Significado da Vida Acadêmica para a Mulher na Meia Idade	71
4. Considerações Finais	74
5. Referências Bibliográficas	79
6. Anexos	86
6.1. Roteiro de Entrevista	86
6.2. Termo de Consentimento para participação em Pesquisa	88

1. INTRODUÇÃO

As relações humanas têm despertado o interesse de pesquisadores que, ao longo de décadas, registram os ganhos procedentes dos relacionamentos. Argyle (2001) argumenta que família e amizade se apresentam como vínculos significativos nos relacionamentos e constituem importantes fontes de felicidade e satisfação, apoio emocional e companheirismo, prevenindo a solidão. Isso mostra que os relacionamentos familiares e de amizade, enquanto relacionamentos próximos proporcionam melhor qualidade de vida às pessoas.

Pesquisadores de diferentes disciplinas e orientações teóricas vêm contribuindo para aumentar o quadro de pesquisas sobre relacionamento interpessoal. Esses estudos têm como pontos mais investigados o relacionamento familiar, o relacionamento romântico e as relações de amizade.

A meia-idade é outro assunto estudado por pesquisadores do desenvolvimento humano, como Papalia e Olds (2000). Esse tema é descrito como um conceito socialmente construído e culturalmente atribuído, visto que algumas sociedades não reconhecem esta como uma fase diferenciada com suas próprias normas, papéis e desafios.

No entanto o relacionamento interpessoal de mulheres em idade adulta intermediária ou meia idade é ainda um tema de investigação recente. Pouco se sabe acerca dessa população, dos encontros e desencontros que permeiam suas relações, familiares e de amizade, dentro de sua trajetória de vida, principalmente quando ela vence as limitações da idade e reingressa na

universidade nesta faixa etária. Infere-se que essa inovação em sua vida traga alterações para seus relacionamentos familiares e de amizade.

São essas as indagações a que este trabalho pretende responder tendo como referencial teórico a obra de Hinde (1997), que possibilita uma compreensão da natureza e da dinâmica dos relacionamentos, considerando seus diversos níveis de complexidade.

1.1. Mulheres na Meia-Idade: Transformações, Conflitos e Relações

Na meia idade os prejuízos físicos e corporais são contrapostos ao ganho cognitivo e psicológico como possibilidade viável para compensar o que não tem volta. Sentimentos de realização e fracasso são vividos ao longo das etapas de vida, no meio familiar, nas suas relações com os outros e em si mesmo. Segundo Jorge (2005), os relacionamentos e os vínculos mudam na maturidade, tanto no sentido de um estreitamento das relações quanto de um distanciamento, contudo, continuam a ter grande significação. Observa-se a necessidade da mudança constante do indivíduo para se adaptar às transformações inabaláveis que ocorrem no ambiente, nas suas relações com os outros e em si mesmo. O projeto e o sonho parecem dar a cada mulher um sentido para sua vida, um desejo de viver para realizá-lo.

1.1.1 *Uma Etapa Intermediária da Vida Adulta*

A meia-idade era avaliada como um período relativamente monótono diante das grandes mudanças ocorridas no início da vida adulta e na velhice.

Também chamada de idade adulta intermediária, essa fase começou a ter visibilidade devido ao grande contingente de pessoas nascidas no pós- guerra, que está passando por essa faixa etária, mudando a perspectiva sobre a importância e o significado desta fase da vida e suscitando assim a intensificação das pesquisas sobre ela. (Papalia et al., 2000).

Para esses pesquisadores, a idade adulta tem muitas particularidades que se diferenciam entre as pessoas. Os anos intermediários têm um conteúdo que vai variar bastante, dependendo do contexto sociocultural de quem os vivencia. Aos 40 anos, algumas mulheres tornam-se mães pela primeira vez, enquanto outras se tornam avós. Aos 50 anos, algumas mulheres estão iniciando novas carreiras, enquanto outras estão aposentando-se.

Como diferentes etapas do desenvolvimento humano, o período a que “meia-idade” se refere é alvo de discussões. Toneloto (1998) tratou a meia-idade entre os 35 e os 55 anos. Outros têm considerado a meia-idade entre os 40 e os 50 anos. Portanto, essa fase ainda pode ser definida contextualmente. Um contexto é a família em que a mulher é descrita como aquela que possui filhos crescidos e tem pais idosos, embora muitas delas ainda tenham filhos pequenos e outras sequer têm filhos. Outro contexto abriga o aspecto biológico, em que a saúde e aparência da mulher na meia idade podem variar de acordo com a etnicidade, cultura e com a condição socioeconômica.

No caso feminino, a meia- idade tem sido vista como uma nova fase da vida adulta quando se tornam visíveis alterações biológicas, que apontam o aparecimento de sinais do envelhecimento biológico e o final da vida reprodutiva. Segundo Merrill e Verbrugge (1999), o estilo de vida que a pessoa

teve desde a infância pode influenciar a extensão das mudanças físicas na meia-idade.

Neri (2007a) aponta que diante do aumento da longevidade, bem como da melhora na qualidade de vida dos adultos e dos idosos observados nas últimas décadas, uma nova fase de vida é reconhecida pelo ciclo vital, à qual são dados nomes diversos, como a já citada meia-idade, idade madura, idade adulta intermediária, idade adulta média, e outros.

1.1.2. Alterações Biopsicossociais da Mulher na Meia- Idade

Havighurst (1951) argumenta que fatores sociológicos e psicológicos são importantes na construção de tarefas evolutivas, ou seja, desafios normativos que abarcam a maioria dos indivíduos que fazem parte de um grupo etário. Eles são determinados pela maturação biológica, pela influência cultural da sociedade, pelos valores, pelos desejos e expectativas que pertencem à personalidade do indivíduo. As tarefas evolutivas se organizam pelo crescimento físico, relacionamento social, comportamento intelectual, adequação emocional, atitudes diante da realidade e formação de padrões e valores. Esse autor identifica as fases em que se distribuem as tarefas evolutivas em primeira infância, segunda infância, adolescência, idade adulta inicial, idade adulta média e velhice. A idade adulta média compreenderia o auge da carreira profissional, o complemento da educação dos filhos, a adequação às transformações fisiológicas da meia-idade, a manutenção do padrão de vida alcançado e a adaptação à velhice dos pais. O conceito de tarefas evolutivas é ainda utilizado na literatura sociológica e psicológica

segundo Baltes e Baltes (1990) e Heckhausen (2000) que compartilham dessas considerações.

Mori e Coelho (2004) investigaram, na literatura científica, os aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais presentes na meia-idade feminina a fim de melhor compreender a vivência dessa mulher. Segundo elas o evento da menopausa caracterizado pela cessação da ovulação e por manifestações físicas e psíquicas é visto como algo central. Transformações como a queda dos hormônios, as mudanças nas relações interpessoais, na identidade pessoal e nos papéis sociais desempenhados pela mulher refletem-se em como ela é percebida e valorizada em diferentes domínios da sociedade. No entanto, para essas autoras, é na Medicina, com o foco nas transformações biológicas, que a mulher na meia-idade tem tido um lugar privilegiado em detrimento de uma atenção e escuta da sua subjetividade e das suas relações. Os autores apontam para a importância do papel da ciência psicológica contribuindo para que a passagem pela meia-idade seja vivenciada como crescimento pessoal.

Fagulha (2005) considera a meia-idade um período de desafio, cujo estudo é essencial, numa perspectiva de intervenção e prevenção. Para a autora, entender a meia-idade permite não só ajudar a viver melhor este período, mas todos os anos futuros, pois há ainda suficiente capacidade de força e investimento na vida para que se possam operar reestruturações. Paralelamente, pela sua colocação entre duas gerações adultas, a intervenção no adulto de meia-idade terá naturalmente consequências na sua relação com a geração dos mais velhos, mas também com a geração dos filhos e netos.

As alterações que surgem durante a passagem para a meia-idade podem influenciar fortemente em suas vidas, alterando e reconfigurando suas relações sejam elas de amizade, familiares ou profissionais. Segundo Silva e Souza (2006), é uma fase experienciada por essas pessoas de maneira individualizada, que vai depender do seu modelo de vida e do contexto social em que estão inseridas. É nessa idade que a mulher vivencia no corpo as mudanças biológicas, que ocorrem nesse período da vida, conhecido por climatério.

Ainda que muitos fatores interajam, possibilitando o desenvolvimento do adulto, para Neri (2007b), são os fatores biológicos que fornecem o limite, a direção e o ritmo geral desse desenvolvimento. Segundo a autora, o restante fica por conta da multideterminação dos fatores psicológicos e socioculturais.

Grande parte dessa população passa pela meia idade sem grandes transtornos, embora para muitas mulheres esse processo tenha sido vivido como uma experiência dolorosa, devido às queixas físicas, psíquicas e aos preconceitos sociais que enfrentam em relação ao envelhecer (Reis, 2001). De acordo com essa autora, apesar dos limites trazidos pela biologia, hoje, em muitos contextos, o papel feminino habitual, como o maternal e o de cuidadora, bem como as mudanças antes consideradas próprias da vida adulta para a meia-idade, são menos claras e menos universais.

1.1.3. Conflitos Vivenciados na Meia-Idade

Os conflitos da mulher na meia idade tendem a crescer quando ela não atende às exigências do novo padrão de mulher valorizado, que traz por um lado a conservação da beleza e da juventude, e por outro, uma independência,

e conhecimento que lhe permitem ter contato consigo e com o mundo a sua volta. Esse novo modelo de mulher vem associado à crescente profissionalização, ao aumento das taxas de divórcio e de re-casamento criando novas formas de viver a maturidade (Nogueira, 2001).

Se antes, a meia idade feminina era marcada pelo afastamento e pela depressão, acompanhada pela perda dos atrativos e dos papéis, hoje em dia ela pode abrir novas perspectivas para as mulheres. Portanto, a mulher contemporânea, na meia idade, se insere em um tempo onde coexistem, o modelo antigo e o modelo atual de mulher, que equilibra arcaicos valores morais em que foi criada e as novas exigências impostas à mulher moderna. Com isso ela vai aos poucos buscando a sua transformação, se inserindo em novos espaços, entre eles a Universidade, transformando a si e a ao grupo familiar que vive consigo.

É crescente o número de mulheres na meia-idade que se inserem em cursos de graduação no Brasil. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2004 houve 27300 mulheres, 55% do total de pessoas com idade entre 40 e 60 anos, matriculadas em uma graduação, na região sudeste do país. Estima-se que esse número de estudantes universitárias na meia-idade venha crescendo no decorrer dos anos (Giolo & Ristoff, 2006).

1.1.4. Influências culturais no “SER MULHER”

A população feminina que está na meia idade atualmente trouxe influência, em sua formação, do modelo familiar que vigorou nas décadas de

50 e 60, no qual competia à mulher o papel da maternidade, o cuidado com a casa, com a família e com a educação dos filhos, se restringindo ao âmbito privado doméstico. Ao pai cabia o sustento da casa e a autoridade máxima na família, tendo ampla liberdade de interagir nas esferas públicas e sociais (Dessen, 2010; Coutinho & Menandro, 2009). Nesse sentido, apenas uma minoria feminina, de classe social mais abastada e com maior acesso à informação, dava continuidade aos estudos após o magistério, em cursos tipicamente femininos como pedagogia e enfermagem (Dessen, 2010).

Família, mulher e casamento são termos que estiveram imbricados no decorrer da história. Por um longo período a mulher teve sua existência cingida ao grupo familiar, tendo sua identidade sido moldada em função do casamento, da maternidade, marcada pela vida doméstica. As desigualdades nas funções desempenhadas entre a esposa e os outros membros da família permanecem ainda hoje, tanto no âmbito familiar quanto no social, como ressaltam Coutinho e Menandro (2009). Uma diferença, em parte, devida aos valores e às construções sociais de feminino e masculino, que estão profundamente enraizados na nossa cultura e que impedem o alcance de igualdade social.

1.2. Contextualizando a Mulher e as Relações Familiares no Brasil

A história do relacionamento familiar e conjugal no Brasil é marcada por uma diversidade de modelos. Segundo Samara (2002), o primeiro modelo foi trazido para o país com a colonização portuguesa: a família patriarcal, tradicional e extensa. Nesse modelo, o pátrio poder é a base da autoridade familiar e decorre do matrimônio, ele esteve presente nas famílias de elite da

sociedade colonial. No entanto, este não foi o modelo predominante, sendo mais comuns estruturas familiares mais simples com menor número de pessoas. Para conhecer “a família brasileira” é preciso levar em consideração a presença dos concubinatos, das uniões esporádicas, e da bastardia ao longo dos séculos XVIII e XIX.

De acordo com Del Priore (2011), o matrimônio legalizado era opção de uma pequena parcela da população, apenas para as famílias mais abastadas. Havia muitas contradições entre a moral vigente e a prática social. De um lado o casamento, a moral e a própria submissão e castidade da mulher; de outro, o alto índice de ilegitimidade, a falta de casamentos e a insatisfação feminina revelada nos testamentos e nos processos de divórcio.

No século XVIII eram comuns mulheres trabalhando fora do lar, ocupando espaços deixados pelos migrantes masculinos e pela escassez de escravos, o que, segundo Samara (2002) veio a alterar o quadro da organização familiar. Esses papéis desmistificam o sistema patriarcal e a rígida divisão de tarefas impostas até então.

Com a industrialização a mão de obra feminina foi requisitada pelas fábricas, lojas e escritórios. As mulheres começam a se tornar mais conscientes e conquistam algumas transformações dentro da rígida estrutura familiar. De acordo com D’Incão (2001) a consolidação do capitalismo no país, no séc. XIX trouxe muitas mudanças para a sociedade, como o surgimento da nova família, um modelo com característica nuclear, baseado em uma mentalidade burguesa, que introduziu novos elementos na vida familiar, outra mudança foi a liberalização dos costumes, assim como uma nova sensibilidade

e uma maneira diferente de pensar a conjugalidade e o amor; houve maior valorização da maternidade e do cuidado dos filhos.

Assim entrou o século XX, o modelo dominante de família era casal e filhos morando na mesma casa, um lar sólido e acolhedor, que deixou de ser uma unidade econômica para ser um lugar em que há expressão de sentimentos entre casal e filhos. As décadas de 70 e 80 foram marcantes pelas conquistas femininas nos contextos sociais, político e econômico, promovendo relações mais igualitárias entre cônjuges e filhos (Dessen, 2010).

Em linhas gerais, pode-se afirmar que houve diminuição no tamanho e diversificação nos arranjos familiares. De acordo com os estudos de Bruschini & Ridenti (1994) teve uma mudança significativa no aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, expandindo assim suas relações.

Como apontou Dessen (2010), as alterações no papel feminino desencadearam muitas outras mudanças em seus relacionamentos, sejam familiares, de amizade e social, dentro do novo estilo de vida moderno, em cidades de porte médio e grande. O modelo tradicional de família nuclear enfraqueceu, embora seja o modelo que continua vigorando na maioria das famílias brasileiras. O pai, ainda, é quem desempenha a função de provedor sendo que a mãe participa cada vez mais desta função. No entanto, continua cabendo, quase exclusivamente, à mãe o cuidado com os filhos e com o lar, adicionando-lhe uma dupla jornada de trabalho quando esta trabalha fora. Diante desta situação é um grande passo dado pelas mulheres, quando retomam ou iniciam os estudos universitários durante a meia-idade, mesmo arriscando abalar seus relacionamentos momentaneamente.

1.3. Redes Sociais e Relacionamentos de Amizade Entre Adultos

A vida adulta é caracterizada por papéis, status e compromissos dentro de uma realidade heterogênea, múltipla e intrincada que compõe as redes sociais do indivíduo. O equilíbrio e as mudanças são aspectos essenciais nesse processo. Conforme Nogueira (2001), as transformações que ali ocorrem se dão de forma entrelaçada e num longo procedimento de construção da própria trajetória pessoal de desenvolvimento. Pode-se dizer que as relações de amizade da vida adulta concebem o conjunto de vínculos estabelecidos entre as pessoas ao longo do ciclo vital.

1.3.1. Redes de Relações Sociais Formando Sujeitos

As redes de relações sociais devidamente amparadas pelas relações familiares, e não familiares, de amizade, intimidade, formal e não formais vão auxiliar na formação da personalidade do indivíduo em todas as etapas de vida, mostrando que o ser humano necessita do relacionamento social e do reconhecimento do outro nessa formação, como mostram Antonucci e Akiyama (1985).

No entanto, Hinde (1979) traz que o poder e o conflito, o compromisso e a satisfação são características indispensáveis nos relacionamentos.

Podemos dizer que muitos são os fatores que influenciam e são influenciados nas relações entre companheiros, como o ambiente físico e social em que eles se encontram inseridos. Esses fatores contribuem para que as relações entre os indivíduos se diferenciem e afetem cada um dos integrantes

ao mesmo tempo. É um processo dinâmico que se modifica ao longo do tempo (Pontes, Magalhães, Brito, & Martin, 2005).

Kahan e Antonucci (1980) propuseram o Modelo do Comboio, para mostrar alguns processos e mecanismos nas relações sociais que levam a um efeito positivo na saúde e bem-estar dos indivíduos. As pessoas, ao longo da vida se ligam a uma grande quantidade de indivíduos que consideram próximos e importantes para si. Porém, o grau de importância entre eles varia, hierarquizando assim as relações sociais, o que torna maior a interação com uns em detrimento de outros. Isto mostra que, segundo Antonucci e Akiyama, (1997), as pessoas são acompanhadas e interagem constantemente com uma rede de relações significativas.

Conforme os estudos de Hinde (1987), a atração mútua entre pessoas reunidas caracteriza um grupo social, podendo ser identificados ali regulação e eliciação dos comportamentos de seus integrantes a partir da conduta de um e de outro. O que o sujeito pensa sobre essa relação está de algum modo ligado a essa interação, surgindo daí a descrição das relações segundo esse autor:

Envolve em essência a descrição das interações (conteúdo e qualidade), descrição das propriedades advindas da frequência relativa e padronização da interação dentro do relacionamento e a descrição de certas propriedades que são mais ou menos comuns a alguns ou todas as interações dentro do relacionamento (p. 38)

Os grupos em que as pessoas se inserem se alteram ao longo da vida na opinião de Erbolato (2002), alguns participantes do grupo se mantêm nele, outros saem definitivamente, permitindo a novas pessoas fazer parte do comboio, há ainda, aqueles que saem e voltam para um mesmo grupo em tempos diferentes do ciclo vital.

1.3.2. Relacionamento de Amizade na Vida Adulta

A amizade é definida como uma relação pessoal, afetiva e voluntária gerida na sociabilidade, afinidade e sinceridade com abertura para compartilhar assuntos pessoais, apoio mútuo, diálogo e disponibilidade de tempo (Resende, 2002).

Considerada uma das mais comuns relações interpessoais que a maioria dos seres humanos tem, a amizade está permeada pelo apreço entre duas pessoas que se gostam, havendo reciprocidade e confiança entre elas. Sendo assim, Garcia (2005) sugere que a amizade mereça a construção de uma área específica de investigação, por ser um dos tipos de relacionamento mais estudados a partir de 1980, embora ainda necessite de elaborações teóricas e metodológicas particulares, especialmente no Brasil.

Uma investigação de produções científicas em periódicos estrangeiros, sobre a amizade, feita por Souza e Garcia (2008), trazem dados relevantes deste tema e apontam a amizade concebida de forma distinta, da infância à velhice, por diversos pesquisadores. Na infância, a amizade se situa em torno de brincadeiras e diversão, na adolescência busca-se a lealdade, a confiança, e a intimidade nos companheiros segundo (Bukowski; Newcomb; Hartup, 1996). Já na fase adulta jovem as relações se intensificam dentro do contexto universitário (Rawlins, 1992). Na fase adulta intermediária há um número menor de amigos em detrimento da família e da carreira (Carbery; Buhrmester, 1998). Na velhice aumenta o número de amigos de ambos os sexos. (Shea; Thompson; Blieszner, 1988).

Ainda em Souza e Garcia (2008), investigou-se pesquisas de Weiss et al. (1975), em que as características concernentes a cada fase da vida dos diferentes grupos etários são os fatores que diferenciam as amizades entre estes grupos, observando que há um aumento da seletividade nas escolhas dos amigos, em virtude da maturidade.

Hutz e Souza (2008) também fazem uma revisão de literatura sobre as relações de amizade na vida adulta e o quão pouco esta área é provida de pesquisas. A partir dos estudos revisados, apontam que indivíduos socialmente integrados vivem mais e que os relacionamentos familiares e de amizade, assim como os românticos, amenizam a solidão proporcionando um bem estar subjetivo.

Portanto, retomando Nogueira (2001), ao longo do desenvolvimento adulto, as pessoas atendem a preceitos e expectativas do grupo e respondem à sua rede de relacionamentos sociais. Essas relações estabelecidas pelos indivíduos os ligam às outras pessoas e contêm funções informativas, emocionais e instrumentais, que se manifestam de maneiras específicas na vida adulta. A pessoa afeta e é afetada pelas experiências sociais, culturais ou biológicas ao longo do seu curso de vida.

De acordo com os achados de Fehr (1996), critérios como idade, sexo, estado civil, religião entre outros são quem vão definir o relacionamento de amizade que se estabelece entre as pessoas. Para essa autora a amizade é um encontro pessoal e voluntário entre duas pessoas ou mais, que se gostam e procuram a companhia umas das outras, promovendo ajuda e intimidade, numa constante reciprocidade e confiança. Ela inclui cônjuges ou familiares na rede de amigos de um indivíduo. Segundo a autora, a inter-relação entre os

fatores ambientais, situacionais, individuais e diádicos é que mantêm as amizades.

Determinadas representações são criadas dentro da sociedade quanto aos valores existente nas relações entre amigos. Algumas delas divergem do conceito de Fehr citado acima. De acordo com Bell (1981) as sociedades mais tradicionais possuem visões mais adversas da amizade, por exemplo, a ausência de laços familiares entre amigos como uma das características para se estabelecer uma relação de amizade. Essa falta de vínculos de amizade entre familiares justifica-se pelas comparações e competições entre os parentes e pela impossibilidade de escolha dos membros da família. Para Bell (1981) a correspondência entre o nível econômico e a dedicação mútua entre os pares, assim como desaprovação e questionamentos também se incluem nos aspectos necessários para um relacionamento de amizade.

Dentro dos relacionamentos familiares significativos, investigados por Carbery e Buhrmester (1998), a amizade tem sua fase de maior significância funcional na rede de relacionamentos no início da idade adulta, também chamada fase celibatária, onde os amigos vão constituir a fonte primária de apoio social, companheirismo e confiança.

As amizades nem sempre estarão pautadas nos sentimentos positivos como nos mostra Fehr (1996). Os aspectos negativos também são constituintes de uma amizade, como: desapego, conflito, submissão, ciúmes e preocupação. Cole e Bradac (1996) apontam, inclusive, o abuso e a violência, como características depreciativas presentes nos relacionamentos de amizade. Os aspectos negativos nas amizades passaram a ser estudados devido a sua

importância no desenvolvimento e manutenção dos relacionamentos (Duck & Pearman, 1985).

Estudos feitos em relação a pessoas com semelhanças na faixa etária, no sexo, no estado civil, na religião apontam ser estes, aspectos decisivos na escolha de amizades, visto que possuem recursos sociais e pessoais similares conforme assinala Bell (1981). Para a mesma autora, amizade de mesmo sexo previne contra a possibilidade de romance, o que pode deformar a amizade. Ela enfatiza que há qualidades compartilhadas entre os homens, assim como há aquelas partilhadas entre as mulheres. Sendo que, mulheres são boas amigas de homens, por lhes proporcionarem segurança emocional, e são também boas amigas de mulheres devido à aliança confiável, ao companheirismo, intimidade e segurança emocional, maior satisfação com a amizade e sentimentos positivos que nutrem umas pelas outras em um relacionamento de amizade (Souza, 2006).

Conforme disse Nogueira (2001), a rede de amizades de adultos de meia-idade se apresenta menor que a de adultos jovens. Elas são centradas na família, o que parece próprio desta etapa de vida. É esperado que nessa fase, os jovens, se dediquem a outras pessoas e ao mesmo tempo invista na própria maturidade. As mulheres dessa faixa etária foram indicadas como fontes preferidas de apoio instrumental e emocional por homens da mesma idade e por homens e mulheres mais jovens e idosos, o que demonstra a importância do seu papel de cuidadoras dos membros da família, dos filhos, dos netos, geralmente dos pais idosos, do cônjuge e das relações de amizade.

O estudo dessa autora apontou para uma rede social mais ampla para as mulheres que para os homens, devido aos papéis socioculturais atribuídos a

ela. Importantes fatores para as interações sociais, como o envolvimento emocional e a expressividade, indicativos de feminilidade, são incentivados na educação da mulher.

Podemos inferir, a partir do estudo de Rezende (2002) que para os mais jovens as amizades se dão em grupo e são menos diversificadas, ao contrário das amizades para os mais velhos que acontecem em díades e são mais diversificadas com maior tempo ao lazer voltado para a família.

Marques (1993) ao estudar o tempo de duração do relacionamento de amizade, constatou que homens têm relação menos duradoura do que as mulheres. Também pôde comprovar, através de sua pesquisa, que os relacionamentos de amizade e os relacionamentos românticos são mais instáveis do que os relacionamentos familiares.

Até a década de 50 o estudo do relacionamento interpessoal foi recusado para muitos pesquisadores devido a seu caráter “complexo e misterioso” e de difícil acesso à comunidade científica, e por sua natureza multidisciplinar, o que levou o corpo sistemático de conhecimento sobre relacionamento interpessoal surgir tardiamente (Berscheid & Regan, 2005).

Hoje, os contatos interpessoais têm se estendido a ponto de necessitar constantes revisões nas regras e orientações para as interações. Verificou-se, pelos estudos de Souza e Hutz (2007), que homens e mulheres podem beneficiar-se do relacionamento de amizade. Contudo, este não é o único relacionamento do qual obtêm satisfação, visto que o relacionamento familiar e o relacionamento conjugal também são fontes de felicidade, comenta Argyle (2001). No entanto a literatura com dados brasileiros ainda se encontra pobre

em estudos sobre a interferência nos relacionamentos de amizade de adultos por parte de familiares e cônjuges.

1.4. Relacionamento Interpessoal na Universidade

A universidade se apresenta como um espaço de interação social e diversidade cultural, permitindo uma pluralidade de experiências de socialização. A universidade afeta a rede de relacionamentos de seus estudantes, tanto em termos familiares quanto de amizade.

O papel do ambiente universitário sobre amizades e relações familiares tem sido investigado mais entre jovens adultos. Para Rawlins (1992), a entrada no ensino superior exige do indivíduo uma adequação emocional com a finalidade de elaborar uma nova rede de apoio social e de reavaliar o relacionamento com a família e com as amizades pré-existentes em adultos jovens. Em outras palavras, vivenciam juntos desafios e dúvidas análogas, tanto sociais quanto intelectuais, e uma clara perspectiva sobre o que virá após a universidade. Compreendendo a fase estudantil universitária como favorável à formação de grandes amizades é importante considerar esse espaço como um contexto educacional que exerce papel estimável na caminhada escolar do adulto, marcando-o de forma cognitiva, emocional e social.

No caso das amizades, a maioria das pesquisas empíricas realizadas sobre amizade fundamenta-se em dados coletados com adultos jovens, especificamente, estudantes universitários (Fehr, 1996).

No Brasil, Garcia e Brandão (2010) investigaram quais focos de atividade eram percebidos por estudantes de universidades públicas e

particulares como relevantes para o estabelecimento e a manutenção de suas relações de amizade, entre adolescentes e jovens adultos (17 a 21 anos), tendo investigado rede de amigos e sua origem, atividades com amigos, a universidade e as antigas amizades e a influência da universidade sobre as amizades. Partindo de uma base descritiva, os dados obtidos mostraram a amizade como um relacionamento envolvendo uma ampla gama de interações possíveis, mantendo relações dialéticas com essas interações e com grupos sociais. As amizades ainda se relacionam dialeticamente com o ambiente físico, incluindo a estrutura física da universidade, e com a estrutura sócio-cultural, incluindo as normas, horários, planos de atividades da universidade e as tradições locais. Relações familiares não foram o foco da investigação.

Peron, Guimarães e Souza (2010) apontam para a importância das amizades no período universitário, atentando para o desenvolvimento sócio-emocional do indivíduo. Os dados obtidos com estudantes universitários de primeiro período indicaram um predomínio de melhores amizades provenientes de etapas anteriores. Também indicaram que os estudantes estão em fase de afastamento de suas famílias, tendo indicado apenas um amigo entre seus familiares.

Por outro lado, outros estudos investigaram o papel da universidade nas relações familiares e de amizade de idosos. Garcia e Leonel (2007) investigaram as mudanças percebidas nos relacionamentos interpessoais de idosos que frequentavam grupos de convivência (um grupo de dança e uma universidade aberta à terceira idade), incluindo novas amizades e mudanças nos relacionamentos anteriores com amigos e familiares. Foram investigados relacionamentos no grupo, a construção de novas amizades, a diferenciação

entre amizades antigas e recentes e a influência destas nos relacionamentos antigos, a influência das novas amizades nas relações familiares, o significado e expectativa de permanência no grupo e abertura para novas amizades. Concluíram que os idosos percebem uma melhoria significativa na sua qualidade de vida com o desenvolvimento de novas relações interpessoais, com implicações para as práticas voltadas para a integração e socialização do idoso.

Para o grupo de idosos da Universidade Aberta para Terceira Idade, suas relações sociais se expandiram dando origem a novas amizades. A partir da satisfação dentro deste grupo, tiveram melhoradas também suas relações familiares e as relações de amizade fora do grupo (Garcia & Leonel, 2007).

Em outro estudo, Irigaray e Schneider (2008) investigaram os motivos que levaram idosas a participar da Universidade para a Terceira Idade e as mudanças ocasionadas por essa participação. Os motivos identificados para a participação foram a busca de novos conhecimentos, novas amizades, novo sentido de vida, ocupação do tempo livre e lazer. A participação gerou menos sentimentos de solidão, melhor autoestima, novos conhecimentos, mais alegria e prazer em viver e novo sentido de vida. Conclui-se que as universidades da terceira idade vêm contribuindo positivamente para o bem-estar de idosos.

Webber e Celich (2007) buscaram identificar as contribuições da participação do idoso na universidade para a terceira idade. Entre os resultados foram identificados contribuições na vida pessoal (melhora da auto-estima, auto-imagem e cognição), contribuições na vida familiar (favorecimento das relações intergeracionais), contribuições nos relacionamentos com amigos/sociedade (veículo de estímulo ao convívio social, autonomia,

independência e responsabilidade com a vida e com o outro) e contribuições no exercício de sua cidadania, promovendo a capacidade de exigência dos seus direitos e a autonomia de pensamento, como membros úteis da sociedade.

Enquanto o papel da universidade nas relações interpessoais de jovens adultos e idosos tem sido investigado de forma relativamente extensa, há escassas referências à vida social de estudantes de meia-idade em nosso meio universitário. Toneloto (1998) propôs-se a mostrar as dificuldades e os desafios que as mulheres de meia-idade têm ao frequentar a graduação. Com base em relatos orais, procuraram compreender os motivos que as levaram a estas escolhas. O estudo mostrou que a frequência à universidade traz uma ressignificação ao cotidiano destas mulheres, marcando diferentemente as diversas dimensões de suas vidas

Raposo (2006) realizou estudo sobre a qualidade de vida de quem ingressa na universidade após 45 anos de idade, homens e mulheres, investigando se há mudanças na vida desses estudantes, como se manifestam e se são percebidas como melhoria na qualidade de vida. Segundo a autora, os resultados revelam que os respondentes antes de ingressarem no ensino superior vivenciaram um período de estabilidade e que apresentaram melhorias na qualidade de vida.

A autora identificou melhorias na vida dos respondentes após o ingresso na universidade, destacando-se o aspecto pessoal, seguido do familiar, do trabalho, social e financeiro. O aspecto familiar pode ser considerado como positivo, uma vez que, na meia-idade, o casal poderia usufruir de vantagens financeiras, podendo atingir antigos objetivos e explorar novas áreas. Por outro lado, não foram identificadas mudanças em termos do círculo de amizades ou

mudanças pessoais a partir da relação com os colegas da universidade. Segundo Carstensen (1995), as taxas de interação com amigos íntimos e ocasionais diminuem desde o início da idade adulta e na meia-idade.

1.5. Relacionamento Interpessoal na Visão de Robert Hinde

A obra de Robert Aubrey Hinde (1976,1979, 1987,1997) representa uma importante contribuição para a investigação sobre relações interpessoais, por procurar sistematizar a pesquisa na área e inserir os relacionamentos dentro de um contexto mais amplo e explorar as relações dialéticas entre os diversos elementos desse contexto, como estrutura sociocultural e ambiente físico.

O estudo dos relacionamentos tem interessado a psicólogos, sociólogos e outros investigadores na área de ciências humanas e sociais. Segundo Allan (1993), grande parte dos trabalhos desenvolvidos sobre relacionamentos nas últimas décadas concentra-se na análise das díades como unidades isoladas de um contexto social mais amplo. No entanto, para ele os contextos sociais, econômicos, culturais vão influenciar as escolhas dos indivíduos em seus relacionamentos, reforçando a ideia de que estes se dão de forma dinâmica, em constante processo.

Uma preocupação de Hinde quanto às relações sociais é como medir esse comportamento, e seus estudos vão enfatizar a importância dos aspectos descritivos para a compreensão das relações sociais. Segundo esse autor (1997), as relações interpessoais se desenvolvem a partir de uma diversidade de interações entre as pessoas, de modo que nos relacionamentos cada interação é afetada pelas precedentes e pela expectativa de futuras interações.

Compreender as interações entre pessoas há que se considerarem os comportamentos e as expectativas do parceiro, pressupondo a existência de uma relação, a qual será entendida a partir de seu conteúdo, da sua qualidade e das interações que a compõem. Assim sendo uma relação será descrita a partir da descrição das interações e como estas vão sendo formadas com o tempo.

Um sujeito, para ser compreendido, ele deve ser avaliado dentro do grupo e da rede de relações das quais participa. As propriedades das interações e dos relacionamentos serão propriedades das díades e não dos sujeitos isolados. A qualidade e o conteúdo das interações é quem ditará as propriedades e o tipo do relacionamento vivido. (Hinde, 1979)

Ainda com base em Hinde (1979), relacionamento é produto de uma série de interações ocorridas no tempo, compreendendo o conteúdo, a qualidade e os padrões de interação desenvolvidos entre os parceiros, sendo constituído por aspectos cognitivos, afetivos, comportamentais e sociais. É um processo dialético envolvendo o ambiente físico, a estrutura sociocultural e o grupo de parceiros.

Casado (2012) faz uma leitura de Hinde e discute alguns pontos importantes acerca dos conceitos que embasam o relacionamento interpessoal. Ela destaca a satisfação na relação, onde enfatiza que a autoavaliação, as avaliações sobre o processo relacional, as características dos parceiros, o tipo de relacionamento e os fatores contextuais como sendo fundamentais para o bem-estar dos participantes. A intensidade da satisfação vai depender da natureza dos relacionamentos, dos fatores culturais e das expectativas de cada

pessoa. É possível dizer que quanto maior a satisfação, maior o interesse em aumentar a intimidade, maior o compromisso e o investimento na relação.

Venturini e Garcia (2004) também trazem princípios fundamentais nos relacionamentos partir dos estudos de Hinde. Segundo eles as afinidades vão surgir dentro dos grupos onde estão intimamente relacionadas às diferenças e as similaridades existentes entre os seus integrantes. Os comportamentos similares entre as pessoas ocorrem simultânea ou alternadamente favorecendo a manifestação da reciprocidade, enquanto os comportamentos diferentes trazem a complementaridade. Os relacionamentos não devem ser vistos como exclusivamente recíprocos ou complementares, visto que isto não pode ser determinantes para que os relacionamentos se desenvolvam e se mantenham.

Os autores acima citam a noção de conflito como sendo outra característica presente nos relacionamentos, é possível que situações de conflito ocorram em um grupo quando alguns participantes assumem posições opostas, advindo daí mudanças nas formas de pensar, perceber e agir de cada sujeito. Diante do exposto, o conflito pode ser favorável ao grupo quando existe compromisso e confiança entre seus membros reforçando assim a relação já estabelecida. O conflito também pode ser entendido como destrutivo quando existe um clima de ameaça entre os parceiros, gerando desconfiança e uma percepção interpessoal inadequada. Para que haja integração no grupo é necessário que seus participantes concordem e pratiquem as regras estabelecidas para a manutenção do relacionamento.

O poder é outra propriedade do relacionamento, citado por Venturini e Garcia (2004), que vai depender da habilidade dos participantes e da influência que um tem sobre os outros modificando assim o comportamento do parceiro.

A auto-revelação e a privacidade também estão presentes nas interações entre as pessoas e podem afetar a qualidade do relacionamento, visto que o compartilhamento de informações requer uma maior aproximação e apoio emocional entre os parceiros, apesar de causar uma diminuição da privacidade e da autonomia do indivíduo.

Outros atributos do relacionamento interpessoal proposto por Hinde (1997) são a percepção interpessoal, que inclui a percepção de si mesmo, do parceiro e do relacionamento como um todo; a satisfação como causa e garantia para a qualidade da interação, gerando maior investimento e confiança entre os participantes; o compromisso que vai indicar o investimento de cada um para que a relação continue e tenha qualidade; e ainda a importância das características individuais e as influências sociais, numa relação dinâmica e dialética, influenciando e sendo influenciados por outros relacionamentos sejam eles familiares, de amizade ou outras relações interpessoais. O relacionamento passa por estágios onde se distinguem o início, o desenvolvimento, a manutenção e a sua dissolução. Hinde procurou organizar e sistematizar o conhecimento acerca da pesquisa em relacionamento interpessoal desenvolvida principalmente nas décadas de 70 a 90.

Retomando Venturini e Garcia (2004), os estudos sobre relacionamento interpessoal são ainda recentes, sendo que a maioria das publicações data dos últimos trinta anos. Como acontece em outras áreas da Psicologia Social, o estudo dos relacionamentos ainda necessita de teorias explicativas mais abrangentes.

Portanto as relações dialéticas entre relacionamentos, estrutura sociocultural e ambiente físico mostraram-se elementos importantes para o desenvolvimento dessa pesquisa, partindo-se do pressuposto que a entrada na

universidade representa a inserção em um novo ambiente sociocultural, afetando os relacionamentos.

1.6. Justificativa e Objetivo

Na atualidade novos horizontes se abrem para uma mulher mais atualizada, esclarecida e livre para fazer escolhas, buscar novos espaços e assumir uma diversidade de papéis inadmissíveis até pouco tempo atrás. A partir do senso de 2010 foi possível apontar número expressivo de mulheres com idade acima de 40 anos, correspondendo a 35% do total da população feminina segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2011)). A retomada aos estudos, na meia idade, dá a mulher recursos para acompanhar as mudanças e novas exigências sociais. Assim a família e a sociedade vão sendo marcadas pela ascensão da mulher tanto no mercado de trabalho quanto na vida intelectual. Baltes e Baltes (1990) afirmam que as mudanças nas relações dessas mulheres podem assumir diferentes formas e direções de acordo com as condições e experiências de vida que cada uma tem.

Dados estatísticos apontando para uma significativa parcela da população indicam a relevância de se aprofundar os estudos acerca do tema “mulher na meia-idade”. Essa é uma fase que representa uma marca divisória na vida de muitas mulheres, onde podem se deparar com oportunidades e escolhas que a primeira fase de sua existência não lhes proporcionou. Como em todo período de transição que conduz a novas relações, nova imagem de

si, ela vivencia um processo de ressignificação de papéis e reconstrução de identidade.

O objetivo desta pesquisa é investigar as mudanças percebidas em suas relações familiares e de amizade, por mulheres de meia idade, casadas e com filhos, após a sua inserção em uma graduação. Os objetivos específicos são investigar (a) as mudanças percebidas no relacionamento com os familiares (cônjuge e filhos) a partir da sua entrada na universidade e (b) as mudanças percebidas no relacionamento com amigos antigos e o estabelecimento de novas amizades a partir da sua entrada na universidade.

.

2. MÉTODO

Tudo o que é pesquisado passa pela vida prática e está inserido num contexto real onde serão procurados suas raízes e seus objetivos. Portanto para compreensão da temática deste trabalho, optou-se pela pesquisa qualitativa. Ela considera haver uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, valorizando a sua memória e o seu discurso a partir de uma relação histórica e dialética entre realidade e experiências vividas, dentro de um contexto sociocultural. Para Minayo (1996) pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ainda, para Minayo (1996), a pesquisa qualitativa agrupa significado e intencionalidade à ação, às relações e às estruturas sociais pesquisadas, ocupando a centralidade neste tipo de pesquisa. A fala do sujeito social expressa o discurso de muitos sujeitos individuais. Para Bookman e Biklen (2001) “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”.

2.1. Participantes

Dada à escassez de mulheres na meia idade frequentando a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), participaram da pesquisa oito mulheres com idade entre 40 e 60 anos, graduandas de cursos distintos da (UFES), que se matricularam entre 2007 e 2009. Para participar desta pesquisa

as mulheres escolhidas deveriam ser casadas, ter filhos e estar na graduação há mais de um ano. Para que a identidade delas fosse preservada foram usados nomes fictícios para designar a fala de cada mulher.

A Tabela 1 apresenta um resumo dos dados referentes à idade, graduação, período cursado, tempo que a estudante ficou fora da escola e sua profissão atual. Todas as participantes são mulheres casadas, têm filhos e moram com a família.

Tabela 1 – Dados pessoais das participantes

Universitárias na meia-idade					
Participante	Idade	Curso	Período	Tempo fora da escola	Profissão atual
1 – Nanci	60	Serviço Social	4º	32 anos	Do lar
2 – Lúcia	56	Serviço Social	3º	31 anos	Do lar
3 – Iêda	49	Serviço Social	4º	29 anos	Do lar
4- Ester	44	Serviço Social	4º	15 anos	Do lar
5 – Ana	41	Serviço Social	4º	19 anos	Do lar
6 – Eni	50	Psicologia	6º	22 anos	Funcionária Pública
7 – Odila	40	Psicologia	6º	19 anos	Secretária
8 – Sônia	41	Letras	3º	17 anos	Professora

Dentre as alunas entrevistadas, Nanci é a mais velha, com 60 anos. Ela tem seis filhos com idade acima de 25 anos e sempre teve que trabalhar fora para ajudar a educá-los. Hoje, com os filhos independentes, Nanci retoma aos estudos após 31 anos fora da escola. É aposentada e independe dos filhos para se sustentar sendo que dois filhos ainda moram em sua casa. A renda familiar se encontra abaixo de cinco salários mínimo.

Lúcia, com 56 anos é casada há 34, tem três filhos com idade acima de 20 anos, sendo um filho casado e os outros dois solteiros ainda morando com

os pais. A filha estuda, também, na UFES. Voltou à escola há sete anos tendo ficado 35 anos longe desse contexto. Não trabalhou fora de casa após o seu casamento, embora tenha uma renda familiar abaixo de cinco salários mínimo.

Ieda é casada há 29 anos, tem três filhos com 21, 25 e 27 anos respectivamente, sendo que dois moram com ela e o marido. Hoje está com 49 anos de idade. Parou os estudos aos 18 anos, retomando-os há dois anos quando estava com 47 anos. É aposentada e a renda familiar gira entre 10 e 20 salários.

Ester tem 44 anos, um casamento de 11 anos e uma filha de seis. Não ficou muito tempo fora da escola, tendo dado um intervalo entre os cursos que frequentou. A princípio trabalhava e estudava. Após o ensino médio aos 19 anos parou os estudos e retomou alguns anos à frente, quando fez o curso técnico de enfermagem. Trabalhou nesta área até que sentiu necessidade e vontade de cursar uma graduação. Fez o EJA (Educação de Jovens e Adultos) uma modalidade de ensino da rede escolar pública que lhe permitiu uma revisão do conteúdo escolar para que entrasse na universidade. Hoje se dedica à família e aos estudos acadêmicos.

Ana é uma mulher com 41 anos, teve dois filhos com 20 e 1 ano de idade respectivamente, dentro de um casamento com 20 anos de duração. É uma mulher que deixou o interior da Bahia visando melhorar sua condição de vida em uma cidade grande. Passou por extrema pobreza, trabalhou, casou e seguiu o sonho de “crescer”. Ficou 14 anos afastada da escola. Fez o EJA e entrou na universidade onde está há dois anos.

Eni é funcionária pública e tem 50 anos de idade. Tem uma filha com 19 anos e um casamento de cinco anos. Ela tem uma condição financeira diferenciada dentro do grupo de mulheres entrevistadas, visto que o orçamento familiar é mantido por ela, que tem uma jornada diária de trabalho de 8 horas em média. Ficou 18 anos afastada da escola, tendo uma formação acadêmica em História, concluída em 1991 no Rio Grande do Sul, sua terra natal. Fez também um curso extracurricular de Bioenergética e outro dentro de Psicologia Corporal.

Odília é a mais nova entre as participantes, com 40 anos. Ela é casada há sete anos e tem um filho também com sete anos. Acabou o ensino médio aos 17 anos e só retomou um ensino regular quando passou no vestibular ao final de 2009. Porém tentou entrar na universidade duas vezes nesse intervalo de 21 anos. Sempre trabalhou assalariadamente e hoje trabalha junto ao marido para ter um horário mais flexível, de forma a não prejudicar as atividades acadêmicas. Ela dispensa 6 horas de seu dia para as atividades profissionais e o restante divide entre os afazeres domésticos, cuidados com a família e estudos acadêmicos.

Sônia é professora e tem 41 anos. É casada há 16 anos e tem dois filhos de 11 e 6 anos de idade. Formou-se em Jornalismo muito cedo e está há 18 anos sem cursar uma graduação. Sua renda familiar oscila entre cinco e 10 salários mínimos e conta com a sua participação financeira. Tem uma jornada diária de trabalho de 6 horas em média.

Lúcia, Ester, Ana e Odília tiveram um ensino preparatório para o vestibular, visto que passaram muitos anos longe do contexto escolar. Lúcia após 35 anos longe dos estudos ilustra bem como foi sua volta: “... *há sete*

anos, eu voltei a estudar, fiz reciclagem do ensino fundamental, fiz o ensino médio completo e pré-vestibular. Foram cinco anos antes de entrar na UFES e há dois estou aqui.”

Apenas duas mulheres desse grupo, Eni e Sônia, têm uma graduação anterior a esta que estão cursando, concluídas há mais de vinte anos.

2.2. Instrumento de Pesquisa

Os dados da pesquisa foram obtidos por meio de uma entrevista semi-estruturada, individual, combinando perguntas fechadas e abertas, com o objetivo de possibilitar ao sujeito a oportunidade de se pronunciar sobre a temática em questão. Segundo Minayo (1996), o que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações é a possibilidade da fala ser reveladora de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo transmitir as representações de determinados grupos em condições socioculturais específicas.

A entrevista visou obter informações acerca das mudanças percebidas nas relações familiares e de amizade em mulheres de meia idade, casadas e com filhos, inseridas em uma graduação da UFES há mais de um ano, suas expectativas e desafios no retorno aos estudos e ainda, o significado da vida acadêmica a partir da percepção das mulheres estudantes, conforme consta no objetivo deste trabalho. As questões propostas se encontram em anexo.

2.3. Procedimentos de Coleta de Dados

Foi feito um contato prévio com uma aluna do Serviço Social e ela indicou algumas colegas de períodos distintos que atenderiam ao objetivo desta pesquisa. Foram contatadas, a princípio, sete mulheres para serem entrevistadas, porém apenas cinco compareceram ao encontro. Outras cinco, dentro desta faixa etária, foram indicadas por alunos dos cursos de psicologia e de letras, tendo comparecido três delas para a entrevista. A dificuldade no comparecimento dessas mulheres aos encontros se deveu ao momento de trabalhos e provas por que passavam.

A princípio foi esclarecido a cada participante o objetivo desta pesquisa e apresentado o termo de consentimento para que assinassem, permitindo a efetivação desta pesquisa. As participantes foram entrevistadas individualmente dentro de um clima de estímulo e aceitação mútua com a pesquisadora, em horário e local escolhidos por elas. Os encontros se deram nas dependências da UFES, nos intervalos das aulas dessas mulheres.

2.4. Procedimentos de Análise de Dados

Após o tratamento e organização dos dados, as categorias de análise foram estabelecidas utilizando a técnica de análise de conteúdo, a partir de Bardin (2011). Dentro de cada categoria de análise foram propostas subcategorias, de modo indutivo, de acordo com sua similaridade.

Segundo Bardin (2011) a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aprimoramento, aplicados

em discursos diversos, cuja principal função é o desvendar crítico. Ela não é apenas descritiva, pois usa a inferência, por meio de análises, procurando esclarecer as causas da mensagem ou as suas consequências. Essa análise procura mostrar o que está por trás do significado das palavras. Para a autora, a análise de conteúdo se presta a uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo presente nas comunicações e sua interpretação. Nesta última etapa é necessário que o pesquisador retome o referencial teórico, procurando embasar as análises dando sentido à interpretação. Assim sendo a análise de conteúdo é uma leitura “profunda”, motivada pelas condições provenientes do sistema linguístico, cuja finalidade é a descoberta das relações entre o conteúdo do discurso e os aspectos exteriores. Enfim, esse é um procedimento que permite a compreensão, a utilização e a aplicação de um determinado conteúdo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram analisadas de forma qualitativa e seu conteúdo foi dividido em cinco categorias. Para uma melhor compreensão dos relatos obtidos e maior visualização das características singulares e diferenciadas entre as mulheres participantes, os dados foram agrupados mantendo uma inter-relação entre as questões levantadas, sem perder de vista o objetivo da pesquisa.

As categorias estão de acordo com as respostas das participantes, as quais retratam mudanças relatadas pelas mulheres entrevistadas. Segundo elas, a entrada na universidade, na meia-idade, foi o fator que provocou maiores alterações em suas vidas, em suas relações familiares e de amizade. Essas transformações promoveram uma reedição de suas histórias de vida.

A primeira categoria, “Expectativas e Desafios no Retorno aos Estudos”, aponta como essas mulheres chegaram à graduação e que atividades exerciam antes disso, enfocando os obstáculos que as impediram de retornar aos estudos anteriormente e a motivação e expectativas que tinham ao ingressar na universidade. Esses dados precedem as discussões que indicam se houve mudanças na vida e nos relacionamentos interpessoais dessas estudantes após sua entrada na universidade, sendo fatores importantes nas alterações que estariam por acontecer em suas vidas.

A segunda categoria, “Influência da Vida Acadêmica na Prática Cotidiana” busca reunir descrições sobre as mudanças ocorridas na rotina diária, considerando as alterações no comportamento e atividades das

mulheres em questão, após a sua inserção na UFES, incluindo os desafios da vida estudantil.

A terceira categoria “Influência da Vida Acadêmica nas Relações Familiares” assinala as mudanças ocorridas na prática da interação familiar e a reconfiguração das funções dos membros da família após a entrada da mãe/esposa na universidade. Foram reunidas, ainda nesta categoria, as percepções dessas mulheres sobre a participação da família na sua vida estudantil, como lidam com sua ausência em função das atividades acadêmicas e o que a família pensa sobre os planos futuros dela.

A quarta categoria “Influência da Vida Acadêmica nas Relações de Amizade” procura saber se houve mudanças no relacionamento com amigos antigos e se houve construção de novas amizades a partir da entrada na universidade. Ressaltaram-se as diferenças entre as relações antigas e as novas relações, e a interação desse novo grupo, construído na universidade, com os familiares da estudante na meia idade.

A quinta categoria “O Significado da Vida Acadêmica para a Mulher na Meia Idade” mostra o significado da graduação, nessa fase da vida, na visão das participantes e o que elas pensam ser isso para seus familiares.

3.1. Expectativas e Desafios no Retorno aos Estudos

Se o início da meia idade pode trazer desconfortos e descontentamentos para as mulheres, pode ser também uma via de acesso a uma reorganização das fases da vida, sendo essa graduação uma jornada não vivida anteriormente e empreendida no momento atual. Assim, foram agrupados

nesta categoria acontecimentos relevantes, na visão das entrevistadas, para que o retorno à universidade fosse possível. Foi possível inferir que o tempo que essas mulheres ficaram sem estudar, as motivações e os obstáculos que as impediu de retornar aos estudos, bem como suas expectativas ao ingressar na universidade permitiu perceber que houve mudanças em suas vidas após a frequência à graduação. O depoimento de Lúcia ilustra bem isso:

*“Eu sempre fiquei com esse bloqueio – ‘porque eu não continuei com o meu trabalho, porque eu não terminei os estudos?’ - Ficou um vazio. Eu sempre quis voltar a estudar, mas não tinha como. Então quando o médico recomendou como um meio para eu sair da depressão, eu fui me qualificando, fui aprendendo, tanto que a mais surpresa ao passar no vestibular fui eu. Eu investi nos meus filhos e eles não conseguiram, e eu estou aqui. Eu nunca acreditei que fosse entrar na universidade. Isso é muita força de vontade.”
(Lúcia)*

As mulheres na meia-idade estão voltando aos bancos escolares em busca de respostas para si e por si mesmas, em alguns casos, sob a objeção do marido como diz Ana:

Meu marido, num primeiro momento ficou super-revoltado. Quando recebi a notícia de que passei na UFES, ele não foi uma pessoa que me parabenizou, não me elogiou, ficou na dele, como se aquilo não tivesse sido importante. Ele achou que ia perder a empregada, aquela mulher (a empregadinha) que deixava a roupa dele passada, que preparava um cardápio diferente a cada dia.

Elas vão vencendo desafios e obtendo recompensas que lhe trazem um sentimento de realização pessoal. De acordo com Poth (1992), são mulheres que valorizam a família acima de tudo, visto que investiram grande parte da vida a ela, mas agora encontram tempo para contemplar as diferentes escolhas que poderiam ter feito e aproveitam a oportunidade que se abre para elas.

3.1.1. Atividades Exercidas Anteriores à Vida Acadêmica

Todas as mulheres entrevistadas foram assalariadas um dia, e tiveram suas vidas modificadas em função do casamento e da carreira escolhida, quando têm uma profissão além das responsabilidades domésticas. Dentre aquelas que se consideram “do lar” algumas pararam de trabalhar ao se casarem e outras trabalharam até se aposentar. As participantes que eram funcionárias assalariadas ao fazer vestibular continuaram trabalhando após a entrada na UFES.

Para Nanci, que é aposentada, a mulher tem que ter uma atividade sempre – *“Tenho curso técnico e trabalhei de secretária em São Paulo, quando vim pro Espírito Santo não tinha referência e precisava trabalhar, então trabalhei de doméstica por muito tempo, aposentei e fiquei cuidando da casa, dos filhos e netos.”*

3.1.2. Impedimentos no Estudo em Idade Regular

No que tange aos motivos que as impediu de continuar os estudos em idade regular, o aspecto financeiro foi citado como obstáculo pela maioria das mulheres. A baixa situação financeira indica falta de autonomia e dependência, tornando a pessoa incapaz de resistir às pressões sociais. A história de Ana é marcada por essa realidade:

“O que me impedia de voltar a estudar era a situação de miséria em que eu vivia. A falta de recurso financeiro. Quando eu vim prá cá eu fiquei numa posição social de indigente, uma vida muito precária, com um colchão de solteira, um fogão de quinta, minha calcinha tinha só a parte da frente, atrás era só o elástico. Mas eu sabia que não ia ficar naquilo...”

Outra limitação citada por Lúcia e Ieda, para que a mulher concluísse seu estudo antes, foi o casamento,

“... Quando casei, parar de trabalhar e de estudar foi um choque, a cada mês do casamento, ano após ano. A cada crise de saúde eu investia mais e mais na família, mas o vazio persistia. O marido era alcoólatra... eu tive que administrar a casa, o salário, sair do aluguel.”

Na década de 80, quando a maioria destas mulheres se casou, começava a ter maior participação das mulheres no contexto social, político e econômico do país (Dessen, 2010). No entanto foi comum para muitas mulheres abrir mão de seus estudos e se dedicar à família e aos cuidados do lar, mesmo se tivessem que trabalhar para ajudar no orçamento doméstico.

“Quando a gente é nova, tem que fazer uma opção, ou eu continuava a estudar e não casava, ou casava e aí vinha: cuidar de filhos, da casa, trabalhar para ajudar nas despesas de casa. A minha opção foi cuidar da família e trabalhar.”(Ieda)

Como mostra Coelho e Diniz (2003), as mulheres foram e, ainda são ensinadas a sacrificar e a negligenciar suas próprias necessidades para suprir as necessidades dos outros e para potencializar os projetos de vida dos maridos e dos filhos. O esquecimento de si e a dedicação ao cuidar do outro passam a ser marcas registradas de seu comportamento. Assim, aos poucos, sua própria história e sua identidade vão se tornando diluídas na vida dos outros membros da família.

3.1.3. Retorno aos Estudos na Meia- Idade

Reafirmando o que traz Raposo (2006), pessoas na faixa dos 45 anos retomam os estudos buscando atingir antigos objetivos e/ou a oportunidade de consolidar, expandir e explorar novas possibilidades e papéis.

As razões do retorno aos estudos, para metade desse grupo, foram de realização pessoal - *“Eu sempre tive esse sonho [...]” (Odília); “Eu sempre tive vontade e nunca pude fazer, então ficou aquilo na minha cabeça [...]” (Nanci)*

Na perspectiva de Ana e Ester a sede de aprender, de conhecer, supera qualquer dificuldade em suas vidas, principalmente quando a idade já lhes dá certa autonomia sobre suas vontades,

“Essa veia de querer saber, e essa coisa de que nós mulheres, não devemos ficar de cabeça baixa prá ninguém, e saber que tudo que está ao meu alcance eu posso lutar para conseguir... para se ter autonomia e conseguir igualdade, prá dizer eu quero , eu posso, eu tenho que buscar sim.”;

“Eu gosto de estudar, acho que as pessoas não podem parar [...]”

A graduação também se apresentou como uma necessidade para crescimento profissional. Sônia necessita agregar qualificações e conhecimento a seu currículo para crescer profissionalmente- *“Preciso da graduação devido a alguns concursos que pretendo fazer [...]”*

Mesmo que o processo seja lento ele acaba florescendo. Diante da vontade, da necessidade e busca destas mulheres em retomar os estudos, começa a haver uma reorganização do tempo em suas vidas. Tornam-se visíveis os fatores que podem disparar o processo de volta aos estudos na meia idade. Pode parecer que o sonho de si mesma tenha sido deixado de lado, como transparece na fala de Ieda, mas não, a mulher de meia idade ao retomar a graduação, faz isso com decisão firme.

“Eu já estava aposentada, os filhos já não precisavam de mim e havia aquela vontade que estava quase apagada de fazer um curso superior, de fechar uma janela que havia ficado entreaberta na minha juventude. Eu impus tanto a eles que tinham que estudar, tinha que ser em uma Universidade pública porque não tínhamos condições de pagar para os três. Então eu também tinha que fazer o que impus a eles”.

3.2. Influência da Vida Acadêmica na Prática Cotidiana

A entrada na universidade por si só já configura uma mudança na vida da mulher na meia-idade e evidencia um novo espaço de obtenção de novos conhecimentos e de interação social. As mudanças se dão em vários âmbitos da vida da universitária na meia-idade, quer seja em sua saúde, em suas atitudes na prática diária, em seu trabalho, em suas emoções.

3.2.1. Mudanças na Rotina a partir da Entrada na Universidade

Para as mulheres que trabalham e estudam foi necessário um remanejamento no trabalho para que se adequasse aos horários das disciplinas dos cursos escolhidos. *“[...] eu tive que abrir mão de dar algumas aulas, remanejei os horários de outras para poder estar à tarde na UFES”.*

Para seguir um sonho, Odília teve que abrir mão de um emprego que não se ajustou à sua nova condição de universitária.

“Fiz um acordo de trabalhar só 6 horas, estava me sobrecarregando demais e eu não conseguia dar conta da Universidade e nem da família. Saí do emprego para me dedicar ao curso, comecei a trabalhar com meu marido e faço o meu horário conforme minha disponibilidade”.

Duas universitárias apontaram mudanças nas suas atitudes, houve um aumento na autoestima e até mesmo na saúde conforme relata Lúcia –.

“Eu mudei da água pro bom vinho. Melhorou a saúde, o equilíbrio... foi como acertar no remédio. Aquele horário era meu. Ali eu comecei a mudar, eu não dava mais satisfação... a mãezona, a esposa que ficava inventando desculpas para sair, não existia mais”.

O estresse trouxe transtornos à vida de Eni ao acrescentar esta jornada em sua rotina, interferindo em sua qualidade de vida na meia idade.

“Não dá tempo mais de fazer uma academia, uma caminhada na praia que é questão de saúde na minha idade. O horário de almoço é muito corrido. Nesse aspecto a qualidade de vida está deixando a desejar. Foram muitas mudanças para estar aqui estudando novamente”.

O tempo para realizar outras tarefas é curto diante das horas empregadas nas atividades acadêmicas, o que compromete a rotina diária dessas mulheres, segundo Iêda e Nanci -

“Eu continuo dando suporte aos meus filhos mesmo estando adultos, e continuo cuidando dos afazeres domésticos, agora tenho que arrumar tempo pras leituras. Acrescentei tarefas”, [...]

“Minha rotina mudou completamente, aquele negócio de dona de casa acabou. O tempo pra lavar roupa, fazer comida gostosa é muito pouco. As relações sociais diminuíram um pouco, minhas relações familiares também.”

Se, por um lado existem as cobranças imensas, as pressões e as exigências do meio, do trabalho, da universidade e de si mesma, por outro lado a mulher começa a gozar de mais liberdade para agir, pensar e se dar o direito de, enfim, sentir, falar, anunciar e fazer aquilo que tem vontade (Reis, 2001)

3.2.2. Desafios Enquanto Estudante

Devido à idade, ao tempo que passaram fora da escola e às outras atividades exercidas em especial o papel de dona de casa, elas vivenciam muitos conflitos ao frequentar a universidade. Eles estão presentes na administração do tempo para a grande quantidade de trabalhos acadêmicos, no preconceito das pessoas, ou enfrentando a visão distorcida masculina que imagina que a família e os serviços domésticos devam ficar sob a supervisão exclusiva da mulher.

Todas as mulheres afirmaram não ter tempo disponível para tanta leitura e trabalhos acadêmicos. Ieda demonstra essa dificuldade e uma satisfação que justifica a superação do obstáculo - *“Eu não sabia o que envolvia uma graduação, sua carga de leitura é muito mais pesada do que eu esperava. Mas eu me encantei”*.

Porém lidar com a insatisfação e o preconceito por parte dos familiares, dos vizinhos, dos colegas e dos professores, são situações conflitantes que algumas mulheres deste grupo estão tentando superar:

“[...] meu marido não reclama com palavras, mas com atitudes, com a bebida. Eu sofri preconceito também, por parte dos amigos, dos vizinhos com piadinhas e comentário maldosos, debochados – ‘você está ocupando o lugar dos outros, dos jovens’... Mas eu encaro isso com naturalidade, eu sei que vou fazer alguma coisa. O difícil é estar sozinha nesta jornada, minha família não se importa comigo.”; (Lúcia)

“Quando eu paro de ler eu durmo, por que minha cabeça já está muito cansada. Isso está acabando com meu casamento... É difícil lidar com a falta de apoio da família e descobrir que não sou visível pra eles. Eu vejo muito preconceito, muita indiferença dentro do curso” (Ana)

Apesar das conquistas que a mulher madura obtém na busca pelo novo modelo de mulher, valorizado na sociedade contemporânea, as condições são pouco favoráveis ao sexo feminino. A mulher ainda sofre com a discriminação que lhe é atribuída e com a conciliação e acúmulo de papéis que exerce nas esferas pública e privada (Bruschini, 2007).

3.3. Influência da Vida Acadêmica na Relação Familiar

A reação dos familiares diante da vitória dessas estudantes no vestibular, fala de como seus parentes percebem e lidam com a nova jornada que as universitárias, participantes desta pesquisa, têm. As mulheres que trabalham fora de casa receberam total apoio da família e a credibilidade na vitória ao constatarem que passaram no vestibular. As famílias das outras mulheres não confiaram que essa conquista pudesse ocorrer –*“Eles não acreditavam que eu fosse conseguir, mas vibraram, me colocaram no ‘facebook’, ficaram muito felizes, deu até reportagem na Tribuna”* disse Nanci.

Houve famílias que se mostraram insatisfeitas com o resultado do vestibular enquanto as estudantes vibraram por todos.

“Foi um choque prá eles quando eu passei. Eu fiquei muito feliz, eu não esperei que alguém vibrasse, vibrei por eles, convidei a família toda, amigos. Fiz uma calourada lá em casa [...]”; (Lúcia)

“Quando recebi a notícia de que passei na UFES, ele não me parabenizou não me elogiou, como se aquilo não tivesse sido importante [...]” (Ana)

O desinteresse, o menosprezo e muitas vezes a agressividade são formas implícitas de manifestação das relações de poder dentro da família. Isto

mostra a ocultação de manipulações e ameaças quando a mulher tende a não cumprir suas funções domésticas.

3.3.1. *Mudanças na Prática da Interação Familiar*

Embora algumas famílias se mostrem insatisfeitas pela entrada da esposa/mãe na universidade, há uma ambiguidade presente nos resultados quando a vida acadêmica aponta maior união e interação familiar, para algumas mulheres. *“A gente passa muito tempo sem se ver e quando encontramos todos querem saber de tudo”*. Esse novo papel se apresentou como motivo de orgulho para Eni diante de sua família - *“[...] percebi um respeito maior das pessoas em relação a mim... marido, filhos e parentes te olham de outra maneira, com mais admiração.”* É lançado um novo olhar sobre essa estudante.

Para a maioria das estudantes deste grupo, a falta de tempo disponibilizado à família, provocou-lhes insatisfação por não poderem se dedicar mais ao marido e aos filhos e em alguns casos houve incompreensão dos familiares gerando um afastamento e desarmonia dentro do grupo familiar.

“ Eu sou muito criticada, minha casa virou um lixo. Na verdade eu não tenho tido tempo nem para o meu marido. Eu agora não tenho tempo de preparar uma comidinha como eles querem, de deixar a casa limpinha, isso não dá mais. Até o sexo piorou, a gente já não tem tempo nem prá isso....Ele fica revoltado e vai prá sala de televisão e lá ele dorme. Ele começou a beber porque não tem mais aquela mulher de cabeça baixa. A coisa não está brincadeira não.” (Ana)

As particularidades vividas pelas participantes desta pesquisa são experiências próprias, mas acredita-se que são vividas também por outras mulheres em situações semelhantes. As mulheres e suas relações

interpessoais vão se transformando na medida em que vivenciam o mundo universitário. Quando as atividades estudantis e acadêmicas se intensificam e diminui o tempo disponível para os familiares, pode gerar conflitos nas relações.

3.3.2. Reconfiguração das Funções Domésticas entre os Familiares

Diante das falas das entrevistadas foi constatado que nada mudou para as estudantes na meia idade quanto às suas atribuições domésticas. As mulheres que dividiam tarefas com marido e filhos antes de entrar na UFES conservaram essa prática – *“as nossas funções já eram divididas. Ele lava, passa e cozinha se precisar, desde que eu trabalhava fora”*. Aquelas que não o faziam tentaram atribuir alguns afazeres aos filhos e marido, mas diante da ineficácia do serviço (casa suja e desorganizada, contas atrasadas, geladeira vazia) elas reorganizaram seu tempo para corrigir o mal feito e assim acumularam tarefas ao seu dia a dia – *“As tarefas foram divididas, porque eu deixei de fazer as coisas, mas eles não aceitaram bem, a casa parece que vai dar bicho. Quando eu tenho tempo de fazer o serviço doméstico eu faço.”* Uma minoria possui empregada doméstica, o que contribui para que a organização doméstica permaneça estável após a sua entrada na universidade.

Poth (1992) salienta que apesar do progresso feito na busca de sua liberação, muitas mulheres de meia-idade ainda sentem que a responsabilidade na administração da casa está com elas. A mulher se divide entre muitas coisas, em várias direções. Enquanto o homem vai para o trabalho, com o pensamento todo voltado para sua vida profissional – a esposa põe todo o resto para funcionar para ele.

3.3.3. Participação da Família na Vida Acadêmica

Uma das participantes diz ter a presença do marido, tanto no interesse por suas atividades escolares quanto na interação com o novo grupo. Algumas mulheres têm a ajuda dos filhos nos trabalhos acadêmicos, embora não haja interação da família com os colegas. Para essas mulheres, a estudante fica na UFES, em casa só existe a esposa/mãe na visão dos maridos. A universidade se apresenta como um mundo privado, proibido à família *“que não se importa”*. Elas vivenciam a falta de apoio e compreensão do marido e dos filhos quanto à importância que a graduação representa para si.

“ Uma coisa que eu sinto, é a falta de interesse da minha família em relação à minha vida estudantil, o que fiz, com quem fiz, como foi o meu dia ou a apresentação de um trabalho, quando a vida inteira eu me interessei por cada passo que deram. Vejo um egoísmo muito grande da parte deles. Por isso eu digo que esse mundo aqui é meu [...]”; (Lúcia)

“ [...] nunca quiseram saber o que eu estou estudando, prova de quê vou ter, que trabalho é esse que toma tanto tempo. O que existe é uma comida pronta, uma roupa lavada e uma casa limpa, isto é que é importante para eles. Nunca houve preocupação se eu preciso de dinheiro para uma Xerox, ou para um lanche se tiver fome. Na verdade eu nunca existi na vida deles.”(Ana)

3.3.4. Planos Futuros da Mãe/ Esposa na Visão dos Familiares

O resultado apontado para metade do grupo de participantes foi de total apoio e confiabilidade da família quanto ao seu futuro profissional. Para a outra metade ficou claro em suas falas a descrença, às vezes sutil quanto ao futuro profissional da estudante – *“Eu sinto que não é uma coisa levada a sério. É como se eles achassem que estou fazendo isso prá me distrair, prá me*

valorizar e não para fazer disso uma profissão.” A falta de credibilidade vem também acompanhada de crítica e de indiferença,

“Se acreditam no meu sucesso não comentam e com isso eu prefiro ser discreta devido à falta de atenção. Meu marido acha que isso é prá preencher o tempo vazio, que não vai me servir. Minha família não acredita que isso vá melhorar o meu futuro. Minha filha fala que vai chegar o dia que eu vou sair arrastando chinelo e vendendo bijuteria (hippie) assim ela vê o Serviço Social.” (Lúcia)

“[...] Você está velha prá isso, faculdade é prá jovem não é prá você. O que você espera da vida mãe?... todos são contra eu estar aqui, mas algo me diz que se eu parar eu não volto.” (Ana)

As mudanças que estão ocorrendo na história dessas mulheres na meia idade ainda não são reconhecidas por todos que compõem seus espaços relacionais. Elas ainda não são totalmente reconhecidas dentro dos novos papéis, que envolvem novas atividades, para além de esposa e mãe.

3.3.5 Universidade e Relações Familiares - Discussão

Algumas mulheres entrevistadas ainda se encontram subjugadas ao modelo tradicional familiar, em que o amor e a felicidade são a base para uma estabilidade conjugal, desde que a mulher seja submissa e subserviente ao grupo familiar, reprimindo suas necessidades em função dos filhos e marido. São moldes familiares ainda existentes na sociedade contemporânea como exposto por Dessen (2010), D’Incao (2001) e Coelho e Diniz (2003). O encontro com o discurso acadêmico e a nova visão de mundo, faz com que elas rejeitem, de modo consciente, os papéis estereotipados que lhe são atribuídos no âmbito doméstico e avancem em novos territórios, mesmo enfrentando conflitos em suas relações familiares e sociais.

Segundo alguns autores (Dessen, 2010; Bruschini, 2007), as mulheres que estão na meia idade atualmente foram influenciadas pelo modelo familiar das décadas de 50 e 60, no qual competia à mulher ser mãe, cuidar da casa, da família e da educação dos filhos, restringindo-se ao âmbito privado doméstico. Segundo Dessen (2010), as alterações no papel feminino têm desencadeado mudanças em seus relacionamentos familiares e de amizade. O modelo tradicional de família nuclear enfraqueceu, embora continue vigorando na maioria das famílias brasileiras, com o pai desempenhando a função de provedor, com uma participação crescente da mãe nesta função. No entanto, cabe quase exclusivamente à mãe o cuidado com os filhos e com o lar. O conflito entre as funções tradicionais das mães em relação ao lar e aos filhos mostrou-se como um fator delicado na volta à universidade na meia idade, afetando o relacionamento familiar.

Dentro do espaço acadêmico as estudantes esposas/mães ganham distanciamento dos papéis tradicionalmente exercidos (lavar, passar, arrumar, cozinhar, cuidar) e percebem-se donas de novos saberes que as qualificam profissionalmente. Esses dados confirmam Rawlins (1992) que considera o contexto acadêmico favorável, e influencia essas mulheres de forma cognitiva, emocional e socialmente. Todavia, esse novo olhar também pode causar certo desconforto, na medida em que a desinstala do seu meio familiar. Fator esse que deixa insatisfeitos os parentes próximos da maioria das entrevistadas, que não pactuam com sua vida acadêmica e desacreditam que elas possam ter um futuro promissor a partir da graduação que estão cursando. A falta de credibilidade da família em relação ao que algumas alunas participantes sonham e buscam leva-as a manter sua privacidade evitando expor suas

experiências acadêmicas a seus familiares. Nesses casos, de acordo com os princípios de Hinde (1997), a defesa da privacidade serve como tentativa de proteção à autonomia e à individualidade.

As estudantes na meia idade, que trabalham e são assalariadas, têm apoio e credibilidade da família, mesmo que esta não interaja com o novo grupo acadêmico da esposa/ mãe. Essas famílias compreendem a difícil jornada que a mulher enfrenta para se atualizar e a ajudam nesse percurso, o que não ocorre com a maioria das famílias do grupo entrevistado. Neste contexto se identifica claramente o respeito pela posição que a mulher assalariada ocupa naquela família quando é coresponsável pelo orçamento doméstico. Ela adquire maior autonomia no grupo familiar. Ao ter um comportamento diferenciado quando trabalha fora do lar e é assalariada, ela consegue afetar o comportamento dos outros membros da família. O poder presente nesta relação é limitado pela habilidade da mulher ser convincente em seus propósitos de persuadi-los, quanto à sua necessidade de receber apoio da parte deles, em sua jornada exaustiva. Estando de acordo com Venturini e Garcia (2004), o poder é uma propriedade do relacionamento e não dos indivíduos.

3.4. Influência da Vida Acadêmica nas Relações de Amizade

O discurso das mulheres entrevistadas forneceu dados que apontou como se dão os relacionamentos das estudantes na meia idade, na universidade, considerando a construção de novas amizades e como se

sentem em relação às amizades antigas diante das inovações do mundo acadêmico.

3.4.1. *Relacionamento Interpessoal na Universidade*

De um modo geral as estudantes na meia idade tiveram um bom relacionamento no novo grupo em que se inseriram. A maioria das entrevistadas afirmou se relacionar bem com as pessoas dentro do espaço acadêmico. Para Nanci, no início houve dificuldade de interação com os mais jovens, mas hoje ela assegura: *“eu me relaciono muito bem com as pessoas aqui. Eu procuro me inserir dentro do contexto deles, não partindo para o ridículo devido à diferença de idade. Eu procuro não criticar e observar a atitude dos jovens”*. Para Ieda o fato de ter filhos na idade dos colegas permitiu conviver melhor com eles. Já as mulheres que trabalham fora de casa alegaram ter um bom relacionamento pelo fato de terem contato com muitas pessoas fora desse ambiente, o que facilita um bom relacionamento ali dentro também. Apenas Ana diz sentir dificuldade em se relacionar com os colegas mais novos apontando preconceito e discriminação por parte deles. Ela encontrou obstáculos que estão atrapalhando sua interação com colegas mais novos -

“as relações aqui na UFES são muito difíceis, eu vejo muito preconceito, muita indiferença. Preconceito em relação à cor, à idade, a estilo. se eu não venho bem vestida, em cima do salto eles olham de forma diferente. Eu, além de ser 20 anos mais velha que a maioria aqui, não tenho nem tempo de lavar minha roupa. Venho sempre com as mesmas roupas, de sandalhinha, não dá tempo de ficar escolhendo roupas diferentes. Eu sou mãe, tenho uma casa enorme prá cuidar, tenho que ler muita coisa da faculdade, não tenho muito tempo prá mim.” (Ana)

3.4.2. Construção e Propriedades das Novas Amizades

Para as alunas na meia idade houve um considerável aumento no número de amigos, a partir da construção das novas amizades dentro da UFES. Todas as participantes construíram novos relacionamentos no meio acadêmico, embora Eni tenha deixado evidente que estabeleceu relações de coleguismo e não de amizade, no novo grupo universitário. Como sua filha estuda no mesmo curso que ela, apenas dois períodos à sua frente, Eni enfatiza: “[...] aqui, eu não posso considerar essa turma como amigas, elas são apenas colegas, talvez amigas de minha filha que é da idade delas.” Ela mostra o preconceito intervindo, novamente, nas relações e impedindo a construção de novas amizades. Ainda assim ela se diz muito satisfeita com as novas colegas, mesmo que não considere haver intimidade nessa relação- “*Minhas colegas até vão na minha casa, mas como colegas da minha filha, para elas eu sou tia. Quando vamos fazer trabalho, para elas eu sou a mãe da Nati*”.

As outras mulheres alegaram ter feito novas amizades dentro do novo grupo do qual fazem parte, porém as propriedades desta relação se apresentam de forma diferenciada entre elas. As amizades de deram com pessoas de idades e cursos variados dentro das dependências da UFES e não só com os colegas da graduação como relata Ester: “*eu fiz amizade com pessoas da minha idade, com mais novas, com as pessoas da academia que frequento dentro da UFES. Posso dizer que tenho colegas e amigas aqui dentro*”. Para algumas estudantes as novas amizades se restringiram às alunas que estão dentro da mesma faixa etária que elas. Para Ieda este atributo é uma garantia de manutenção e conservação do relacionamento de amizade para

além dos portões da universidade -*“Eu fiz amizades aqui, com o grupo da minha faixa etária que eu sei que vou levar quando sair daqui”*.

Todas elas se mostram muito satisfeitas com as novas amizades, mas essa relação não se estende aos familiares da maioria das participantes. A distancia em que moram, o pouco tempo disponível e as singularidades de cada família impedem uma maior aproximação entre os maridos e filhos das estudantes com seu novo grupo de convivência dentro da UFES. Apenas Odília, a mais nova do grupo conseguiu uma maior interação entre sua família e os novos amigos universitários.

O distanciamento entre os familiares e os novos amigos universitários das participantes não implica que o mesmo ocorra entre elas. Foi observada satisfação e intimidade quando falam das novas amigas, com quem querem estar a maior parte do dia. A cumplicidade está presente entre essas mulheres, que estabeleceram uma relação de amizade muito grande. Para Ana, elas se apoiam e se fortalecem: *“juntas nós desabafamos, hoje mesmo já chorei até no ombro amigo delas, a gente se ajuda sempre”*. Elas mostraram que, dentro deste grupo de mesma faixa etária, elas enfrentam dificuldades semelhantes dentro da universidade. O prazer nas novas amizades está relacionado à identificação presentes entre elas, à homogeneidade do grupo e à semelhança das dificuldades que enfrentam para estar naquele espaço acadêmico. Poder partilhar esses sentimentos e ser compreendida aumenta a parceria e cumplicidade entre as participantes.

3.4.3. Atividades com os Novos Amigos

Os encontros com os novos amigos se dão apenas dentro das dependências da universidade, confirmando a separação entre a vida familiar e a vida acadêmica das participantes. Lúcia alegou que restringe os encontros com as amigas e as atividades acadêmicas a serem feitas em grupo á UFES, para não aumentar ainda mais os conflitos na família, como o alcoolismo do marido e não aceitação dos filhos à sua nova condição de estudante. Nanci expressa bem sua rotina diária com as novas amigas: *“Aqui dentro nós conversamos, estudamos, andamos pela UFES. Tem dia que ficamos aqui o dia todo juntas.”* Ester compartilha do prazer em estar com as novas amigas nas dependências da universidade: *[...] eu adoro estar na UFES com minhas amigas, nós, conversamos, desabafamos mesmo, nós também estudamos e fazemos as atividades das disciplinas aqui, com outro grupo eu faço ginástica.”*

Somente a estudante mais nova do grupo entrevistado mantém um vínculo mais íntimo com colegas mais novos e com aqueles da mesma faixa etária que ela, se encontrando em barzinhos, cinema e frequentando a casa deles para fazer atividades acadêmicas.

3.4.4. Distinção entre Amizades Antigas e Amizades Recentes

Para Odília, não há distinção entre as novas amizades e as amizades anteriores à sua entrada na UFES, pois ela faz os mesmos programas com os dois grupos, promovendo encontros entre os amigos recentes e antigos. Muitas de suas amigas antigas voltaram a estudar também, o que torna os interesses

muito parecidos. Eni, ao contrário de Odília, afirma *“aqui eu não posso considerar essa turma como amigas, elas são apenas colegas, talvez amigas de minha filha, por isso não posso diferenciar. Amigas frequentam minha casa.”*

Nanci e outra colega diferenciam sem qualificar os dois grupos de amigos, convivendo bem com ambos. Nanci exemplifica com sua fala: *“eu sou de uma denominação religiosa evangélica, mas eu adquiri amigos aqui que não são evangélicos. Os meus amigos fora da UFES são evangélicos. Eu sei conviver bem tanto com uns quanto com os outros”*. A metade do grupo de mulheres diferenciaram as amizades recentes das antigas qualificando positivamente as novas amizades. A Universidade se torna um lugar de privacidade para Lúcia onde, longe do olhar da família, pode deixar cair a máscara e ser ela mesma, sem reservas, tendo a cumplicidade e companheirismo das novas amigas que compartilham de suas angústias e alegrias -

“-essas amizades daqui me realizam mais que as outras, porque elas representam um momento só meu. As amizades fora daqui são mais superficiais. Eu evito fazer comentário do que falamos, do que fazemos, mesmo porque ninguém me pergunta sobre isso em casa,” (Lúcia)

Lúcia indica que o novo grupo é exclusivamente seu, onde a família não tem acesso e ali ela pode desabafar com as companheiras, cujas qualidades estão ausentes nos amigos antigos bem como na família que ignora suas necessidades. Para Ana há dois grupos considerados amigos antigos, os amigos adquiridos no Espírito Santo, estado para o qual se mudou há 20 anos e os amigos de infância que estão no interior da Bahia, seu estado natal. Ela atribuiu falsidade e interesse aos amigos antigos que moram no Espírito Santo,

enquanto as amizades recentes, construídas na universidade, são sinceras e verdadeiras.

“As amigas de agora, da UFES, não tentam me agradar prá ter algo em troca mais tarde, porque temos muito em comum. O que eu vejo é que as amizades antigas tentam me agradar muito agora (puxar o saco), prá quando eu chegar no ápice da profissão eles serem agraciados. Os amigos da igreja, da vizinhança, antes eu passava despercebida a eles, hoje me tratam com a maior atenção.”(Ana)

Os amigos antigos que ficaram na Bahia conservaram um carinho especial por ela e a consideram pessoa notável na cidade, por cursar uma graduação. Ana se envaidece ao falar desses amigos e como eles a consideram hoje:

“ os amigos da minha cidade natal têm o maior orgulho de eu estar em uma universidade federal, ter realizado o sonho de tantos. Lá, só eu e mais um fizemos faculdade. Hoje esses amigos me tratam como uma celebridade na cidade.”(Ana)

A maioria das mulheres reconhece que se modificaram a partir dos novos conhecimentos, e hoje podem fazer uma análise mais crítica das relações que estabelecem e da forma como passaram a ver o mundo que as cerca. Preferem as amigas da universidade, pois elas compartilham desta nova visão de mundo e desfrutam de um diálogo mais rico em informações e conhecimentos. Após esse tempo na universidade leda já não comunga da forma de pensar e agir dos amigos do interior – *“[...] as pessoas no interior são muito simples e eles falam a verdade nua e crua, então muitas coisas que eu escuto agora, eu não falo nada, mas não os deixo perceber que já não penso daquela forma.”*

3.4.5. Mudanças na Rotina Com Amigos Antigos

O tempo é o maior vilão na manutenção da amizade antiga das universitárias na meia-idade. O alto volume de leituras da graduação e a carga horária de aulas a cumprir requer um período longo de seus dias, impedindo que se dediquem com a mesma assiduidade aos antigos compromissos com amigos. Algumas falas mostram como as novas estudantes foram abrindo mão de uma vida social por uma vida acadêmica:

“[...] eu tinha muita relação com o grupo da igreja, da comunidade, com algumas famílias que viajavam juntas, isso também mudou. Logo que entrei na UFES ainda fiz algumas viagens, agora não dá mais tempo, só nas férias mesmo”(Lúcia)

“[...] hoje eu estou mais afastada porque o tempinho que sobra é prá eu estudar. Tive que sair de todas as atividades nos grupos que frequentava.” “[...] eu tinha um grupo onde jogávamos vôlei toda semana, isso eu tive que largar.” (Ieda)

A rotina com as amigadas antigas foi muito afetada para algumas estudantes, visto que abriram mão dos encontros e atividades com os grupos dos quais faziam parte, que incluía lazer, religião, encontros sociais, para cursar uma graduação que consome grande parte do seu tempo disponível. Foi observado que as novas amigadas estão cada dia mais presente na vida destas estudantes tornando raros os encontros com amigos antigos.

Por motivos distintos não houve mudança na rotina com amigos antigos, adquiridos antes de iniciar este novo ciclo, para as participantes restantes. A amizade antiga se apresentou muito superficial para Ieda, assim como para outras mulheres do grupo, que são muito dedicadas à família, concedendo-lhes atenção exclusiva – *“[...] eu sempre fui muito reservada, nunca saí muito, me restrinjo à minha família”*. Para Lúcia, o contato com amigos antigos era muito

pequeno devido aos conflitos enfrentados pela família – “[...] *eu nunca levei pessoas para frequentar a minha casa, eu sempre tive certo bloqueio quanto a isso justamente pelo problema da bebida do marido, eu nunca sabia quando ele estaria atacado e inconveniente.*” Quanto à Eni, tem um círculo de amigos muito pequeno e recente no Espírito Santo, ela é natural do Rio Grande do Sul e as pessoas consideradas muito amigas ficaram lá, sendo que a graduação não interfere no seu relacionamento com essas amigas. Odília diminuiu os encontros com os amigos antigos, devido à falta de tempo e às atividades da graduação, mas ela preserva o hábito de saírem e jantarem juntos, não considerando, portanto que tenha havido mudança na rotina com eles.

As participantes se sentem mais abertas para estabelecer novas amizades hoje, pois adquirem uma maior compreensão da natureza humana que o conhecimento acadêmico proporciona, há uma diminuição da timidez e aumento da autoestima dando a elas mais segurança para conversar e interagir com outras pessoas.

3.4.6. *Universidade e Amizade - Discussão*

A universidade tem um papel importante neste conjunto de interações, pois se apresenta como um espaço de socialização e convivência para este grupo de mulheres. Ela é um marco divisor entre duas realidades distintas para estas estudantes. De seus muros para dentro há um mundo privado, que a estudante na meia idade não quer partilhar com a outra realidade vivida fora dos seus portões. Os dados mostram que esses dois mundos se atravessam a todo instante e muitas vezes em situações de conflito, quando a mulher não

tem o apoio da família para enfrentar os desafios que a vida acadêmica traz para uma mulher na meia idade.

Tendo a universidade como espaço de inúmeras interações que vão formar a rede de relações das mulheres participantes desta pesquisa é possível dizer que é também um palco de realizações pessoais, de construções de amizades e aquisição do saber. Nesse sentido as amizades estabelecidas dentro deste contexto se deram a partir das similaridades, do companheirismo e cumplicidade entre as parceiras. Esses atributos vão fortalecer as crenças positivas sobre o futuro do relacionamento, reduzir as possibilidades de conflitos de opiniões melhorando assim os resultados das atividades e vão provocar um aumento na satisfação com o relacionamento. Hinde (1997) assegura que características pessoais, o tipo de relacionamento e fatores contextuais, natureza do relacionamento e expectativas de cada participante colaboram para a satisfação no relacionamento.

A universidade se apresenta como um espaço de interação social e diversidade cultural, permitindo uma pluralidade de experiências de socialização. A universidade afeta a rede de relacionamentos de seus estudantes, tanto em termos familiares quanto de amizade. Para Rawlins (1992), a entrada no ensino superior leva à criação de uma nova rede de apoio social e reavaliação do relacionamento com a família e com as amizades pré-existentes em adultos jovens, sendo a fase estudantil universitária favorável à formação de grandes amizades. Os dados sugerem que as relações familiares e de amizade da mulher de meia idade também podem ser afetadas pela entrada na universidade.

Apesar de a literatura indicar que, na fase adulta intermediária, há um número menor de amigos em detrimento da família e da carreira (Carbery & Buhrmester, 1998) e da rede de amizades de adultos de meia-idade se apresentar menor que a de adultos jovens e centrada na família (Nogueira, 2001), isto não impede que novas amizades sejam construídas no ambiente universitário pelas mulheres de meia idade, conforme observado no presente estudo.

Como indicado por outros autores para jovens adultos (Peron, Guimaraes & Souza, 2010) e para idosos (Garcia & Leonel, 2007; Webber & Celich, 2007), houve mudanças nas relações de amizade e nas relações familiares em relação às mulheres de meia idade que participaram do presente estudo, com sua entrada na universidade. Como observado por Irigaray e Schneider (2008) para o caso de idoso na universidade, há mudanças na autoestima e um novo sentido de vida, o que também foi observado nesta investigação. Contudo, as alterações observadas na vida social do idoso parecem ser mais positivas e menos conflituosas que as observadas na vida das mulheres de meia idade que passam a frequentar a universidade.

Os resultados obtidos no presente trabalho são similares aos obtidos por Toneloto (1998) em relação à vida social de estudantes de meia-idade em nosso meio universitário, no sentido de que frequentar a universidade traz uma ressignificação ao cotidiano destas mulheres. Raposo (2006) reconheceu que a qualidade de vida de quem ingressa na universidade após 45 anos sofreu melhorias, destacando-se o aspecto pessoal, seguido do familiar, do trabalho, social e financeiro. Os resultados da presente pesquisa indicam uma situação mais ambígua. O aspecto familiar positivo apontado não foi observado em

todos os casos estudados na presente pesquisa, havendo casos de maiores dificuldades familiares. As mudanças relacionadas às amizades também foram mais diversificadas que as observadas pela autora, que não identificou mudanças em termos do círculo de amizades a partir da relação com os colegas da universidade.

Em relação às transformações da mulher na meia-idade, segundo Jorge (2005), os relacionamentos e os vínculos mudam na maturidade, tanto no sentido de um estreitamento das relações quanto de um distanciamento. O afastamento e distanciamento também foram observados no presente estudo, tendo-se que levar em consideração o contexto social das mulheres universitárias. A diversidade encontrada na variação das relações sociais está de acordo com a observação de Silva e Souza (2006), para quem a meia idade é uma fase experienciada de maneira individualizada, que vai depender do modelo de vida e do contexto social em que estão inseridas.

3.5. O Significado da Vida Acadêmica para a Mulher na Meia Idade

As estudantes universitárias na meia idade apontam o sentido que a graduação tem em suas vidas e os objetivos pelos quais estão se empenhando na graduação. Essas mulheres já cumpriram o papel social a elas designado, muitas vezes por elas mesmas, de mães-cuidadoras e sentem a necessidade de alcançar uma maior capacitação na universidade.

A graduação tem lhes trazido mais do que um conhecimento específico, mas um novo olhar, sobre o mundo e sobre si mesmas. Em suas falas ficou

visível uma postura crítica quanto ao comportamento de todos que as cercam, familiares e amigos.

“É uma experiência maravilhosa em que eu aprendi a me posicionar de forma diferente perante a vida, a sociedade [...] Estou encantada com esse novo mundo que estou conhecendo, que me fez ter uma nova visão das coisas, na questão de preconceitos, dos rótulos. De ter uma postura crítica quanto aos meus próprios atos e melhorar o meu comportamento com o outro, seja família ou amigos.” (Odília)

O fato de serem alunas interessadas e “nerd”, segundo a filha de uma participante, levou as mulheres se considerarem exemplo a ser seguido pelos filhos, um ponto positivo na relação familiar. – *“Eu gosto muito de estudar isso acaba sendo um estímulo que compartilho com eles: a nota que tirei e como foi a prova. Isso acaba fazendo com que eles sejam bons alunos também”.* (Sônia)

A graduação é uma forma de estarem se instrumentalizando para um futuro acadêmico maior, como o Mestrado. *“Ah, é tudo de bom, é um sonho que estou conseguindo realizar... eu tenho conhecimento de vida e agora acadêmico... Quem sabe eu também chegue ao mestrado... Meu pensamento é de servir e não ser servida”.* (Nanci)

A fala politizada da academia tem contribuído para que seus alunos compreendam o seu papel político e social para uma sociedade mais igualitária – *“Hoje eu não faço distinção entre as pessoas, todos merecem o meu respeito. O serviço social abre muito esse campo, da alteridade. Meu sonho é participar de movimentos sociais, mas como profissional.”* (Ester)

Essas estudantes cresceram como seres humanos, hoje elas se consideram melhores esposas e mães, o que possibilitou uma cisão no cordão umbilical, que gera dependência da mãe na esfera doméstica.

“Estudar trouxe equilíbrio emocional para minha vida pessoal. A graduação chegou como um tratamento alternativo pros

meus males. Eu tenho sede de conhecimento. Eu não quero ser só mais uma. Eu não quero passar por aqui como mera estudante, eu quero absorver esses conhecimentos e abastecer o meu reservatório. Para minha família, filhos e marido, trouxe mais independência. Sei que isso foi muito bom prá eles “ (Lúcia)

As famílias se beneficiaram com esse crescimento pessoal presente nos discursos das entrevistadas.

“A vida acadêmica foi uma das coisas mais maravilhosas que me aconteceu. Hoje eu sei que deveria ter feito isso a mais tempo. Abriu minha cabeça. A universidade me tornou uma mãe, esposa, amiga e mulher mais segura e com argumentos. Hoje sou muito mais questionadora. “(Ester)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, pode-se inferir como se dão as mudanças percebidas nos relacionamentos familiares e de amizade, de mulheres na meia idade, casadas e com filhos, inseridas em um curso de graduação dentro da UFES e o significado da vida acadêmica em sua vida.

A partir dos relatos expostos foi possível constatar que este grupo de mulheres enfrentou desafios e passou por muitas mudanças em suas vidas e conseqüentemente em seus relacionamentos para estarem hoje cursando uma graduação na universidade. Mudanças essas que se dão em um processo dialético, de acordo com suas inter-relações, considerando os fatores ambientais e socioculturais. Neste sentido, a abordagem de Hinde (1976,1979, 1987,1997) ao destacar um contexto mais amplo e explorar as relações dialéticas entre os diversos elementos desse contexto, como estrutura sociocultural, ambiente físico e grupos envolvidos se mostra uma perspectiva interessante para investigar o problema proposto. Tal abordagem permite considerar um contexto social, cultural e econômico mais amplo afetando os relacionamentos, conforme proposto por Allan (1993).

As universitárias de meia idade vão aos poucos superando e vencendo os obstáculos encontrados na nova etapa de suas vidas, na medida em que interagem com novos grupos e são influenciadas por pressões culturais e sociais, o que vai configurar a dinâmica dos seus relacionamentos. O tempo é quem vai gerar as mudanças em suas percepções, na forma dessas mulheres pensarem e agirem favorecendo transformações nas relações estabelecidas. Para Hinde (1976) as pessoas são agentes, manejando seu próprio ambiente

com percepções, intenções e expectativas, fazendo escolhas de acordo com seus objetivos.

O percurso desta pesquisa se entrecruza a todo instante com os conceitos básicos propostos por Hinde (1997), que sugere os relacionamentos como um conjunto de interações sociais que originam grupos e formam uma sociedade mais ampla. Dentro dos grupos sociais o comportamento pessoal é influenciado pelos companheiros ao mesmo tempo em que afeta a cada um dos integrantes dos grupos. Os relacionamentos são compostos de trocas, um dar e receber constantes.

A metamorfose pela qual as estudantes universitárias na meia idade passam as faz inovar seus conceitos a partir do conhecimento acadêmico. Os conflitos gerados nestas situações podem vir seguidos de sentimentos de prazer, pelo conhecimento novo que a universidade traz. Neste caso, há o fortalecimento da confiança, as tensões são suavizadas e o conflito age de forma positiva nos relacionamentos dessas participantes. Nestes casos as mulheres que trabalham fora de casa e estudam conseguem negociar com os padrões maior flexibilidade de horário, obtém dos filhos e marido colaboração nas funções domésticas antes atribuídas só a elas. Porém, de acordo com os conceitos de Hinde (1997) os conflitos, dentro dos relacionamentos interpessoais, nem sempre são construtivos, eles podem se apresentar de forma destrutiva, provocando desgastes nas relações dessas mulheres. Isso acontece com algumas participantes do grupo, que não consegue administrar as cobranças da família e dos amigos quando o excesso de atividades acadêmicas lhes rouba o tempo de se dedicarem aos cuidados da família, aos afazeres domésticos e na atenção aos amigos antigos. O fracasso ao enfrentar

essas situações de conflitos é causa constante de insatisfações em seus relacionamentos afetando seus vínculos afetivos, causando perda de confiança e uma percepção distorcida do parceiro. A natureza construtiva ou destrutiva do conflito vai depender de como a mulher enfrenta as dificuldades vividas na meia idade.

A maturidade representa uma marca divisória na vida das estudantes na meia-idade, onde podem se confrontar com oportunidades que já não julgavam possíveis. Como em todo período de transição que conduz a novas relações, nova imagem de si, ela vivencia um processo de ressignificação de papéis e reconstrução de identidade. A percepção interpessoal da estudante madura permite que ela se perceba através de suas interações, tendo, portanto uma visão ampla das relações estabelecidas, característica imprescindível na manutenção e desenvolvimento do relacionamento como consta nos escritos de Venturini e Garcia (2004).

Investigando a influência da vida acadêmica nas práticas cotidianas, nas relações familiares e nas relações de amizade das participantes, foi possível explorar um painel de diversidades de situações heterogêneas relatadas pelo grupo entrevistado. As mulheres têm que adequar seus horários, abrir mão de várias atividades em função do horário acadêmico. A vontade de se atualizar, fugir da solidão ou realizar um sonho, são fatores que refletem a preocupação delas buscarem envolvimento com diferentes pessoas e atividades, enfatizando a importância de novos projetos de vida. Dentro dos relacionamentos essas diferenças podem atuar de maneira oposta às similaridades, mas ainda assim, atuar positivamente quando houver trocas de ideias entre os pares,

possibilitando o desenvolvimento de habilidades e a complementação de conhecimentos entre elas.

A dificuldade em administrar o tempo, em lidar com o preconceito, com o estresse bem como com a falta de apoio da família, são desafios enfrentados por algumas participantes nesta jornada universitária. Mas apesar de todas as frustrações, elas têm um álibi para tirar de dentro de sua bolsa: uma graduação, uma realização. Elas mostram que nem todas as mulheres de meia-idade estão de braços cruzados esperando que o mundo chegue até elas – elas estão no mundo, descobrindo novos prazeres.

Constatou-se que as mulheres têm interesse em se atualizarem culturalmente como sujeitos inacabados que o são. O conhecimento faz parte do ser humano passando a ter sentido para o mesmo, porque o seu existir é um contínuo projeto de vida. Entendem que, depois da quarta década, ainda há muito pela frente, e que podem desejar uma vida melhor, com qualidade e com cultura, somada à “bagagem de vida” que já adquiriram.

Assim, parece ser esse um tema a ser investigado mais profundamente, já que os novos papéis desempenhados pela mulher na meia-idade, como estudante universitária, provocam uma diversidade de situações, com resultados singulares, apontando alterações nas relações familiares, nas relações de amizade e em suas práticas cotidianas. Torna-se indispensável compreender o funcionamento da estrutura familiar quando a mulher descobre que pode habitar outros contextos, fora desse grupo, vivenciar outros estilos de vida que não passam pela maternidade e pela conjugalidade e ainda assim pertencer a esse grupo, o que pareceu conflituoso para a pequena amostra da

crescente população de mulheres maduras que se inserem a cada ano nas universidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allan, G. (1993). Social structure and relationships. In: S. Duck (Org). *Social context and relationships*. (vol.3, pp.1-25). Iowa: University of Iowa Press.
- Antonucci, T. C., & Akiyama, H. (1985). Personal characteristics, social support and social behavior. In: R.H. Binstock & E. Shanas. (Eds.). *Handbook of aging and the Social Sciences*. (2nd ed, pp.94-128.). New York: Van Nostrand Reinhold.
- Argyle, M. (2001). *The psychology of happiness*. New York: Routledge/Taylor & Francis.
- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1990) Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In: Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (Org.). *Successful aging. Perspectives from behavioral sciences*. Cambridg: Cambridg University Press.
- Bardin,L. (2011). *Análise de conteúdo* (Ed. rev.). São Paulo: Edições 70.
- Bell, R. (1981). *Worlds of friendship*. Beverly Hills: Sage.
- Berscheid, E., & Regan,P. (2005). *The psychology of interpersonal relationships*. Upper Saddle River: Pearson.
- Bookman, R., & Biklen S. K. (2001) *Qualitative research for education*. Boston: Allyn and Bacon.
- Bruschini, M. C. A.. *Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos*. São Paulo: Banco de dados da Fundação Carlos Chagas, 2007.
- Bruschini, C., & Ridenti, S. (1994). Família, casa e trabalho. *Cadernos de Pesquisa* [online], 88, 30-36. Recuperado em 10 de outubro, 2011 de

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741994000100003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0100-1574.

- Bukowski, W.M., Newcomb, A.F. & Hartup, W.W. (1996). *The Company they keep: Friendship in Childhood and Adolescence*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Carbery, J., & Buhrmester, D. (1998). Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of social and personal relationships*, 15 (3), 393-409.
- Carstensen, L. L. (1995); Motivação para contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de seletividade socioemocional. In: A. L. Neri (Org.). *Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida* (pp.111-144). Campinas: Papirus.
- Casado, C.C.C. (2012). *Interações e relações de amizade: um estudo longitudinal no contexto de uma escola inclusiva*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Coelho, V., & Diniz, G. (2003). Mulher, família, identidade: a meia-idade e seus dilemas. In: T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*, pp. 79-95. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Cole, T. & Bradac, J. (1996). A lay theory of relational satisfaction with best friends. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13 (1), 57-83.
- Coutinho, S. M.S. & Menandro, P. R. M. (2009). *A dona de tudo: um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa*. Vitória: PPGP-UFES/Facastelo/GM.

- D'Incao, M. A (2006). Mulher e Família Burguesa. In: Mary Del Priore (Org.), *História das Mulheres no Brasil*, (8ª ed, pp. 223-240). São Paulo: Editora Contexto/Editora UNESP.
- Del Priore, M.(2011) *Historias intimas: sexualidade e erotismo na historia do Brasil*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil.
- Dessen, M. A. (2010) Estudando a família em desenvolvimento: Desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: ciência e profissão*, 30, 202-219.
- Duck, S. & Perlman, D. (Eds.). (1985). *Understanding personal relationships*. London: Sage.
- Erbolato, R. M. P. L.(2002). Relações sociais na velhice. In: Freitas, E. V. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Fagulha, T. (2005). A meia-idade da mulher. *Revista Psicologia*, 19 (1-2), 13-17.
- Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. London: Sage.
- Garcia, A. (2005). Psicologia da Amizade na Infância: Uma Revisão Crítica da Literatura. *Interação em Psicologia*, 9 (2), 285-294.
- Garcia, A., & Leonel, S. B. (2007). Relacionamento interpessoal e terceira idade: a mudança percebida nos relacionamentos com a participação em programas sociais para a terceira idade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 2 (1), 130-39.
- Garcia, A. & Brandão, L.R. (2010). Amizade e focos de atividade na universidade. *Interpersona*, 4 (2), 318-345.

- Giolo, J. & Ristoff, D. (2006). *Trajetória da mulher na educação superior brasileira*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- Havighurst, R.J. (1951). *Developmental tasks and education*. New York: Longman Green.
- Heckhausen, J. (2000). Developmental regulation across the life span: An action-phase model of engagement and disengage with developmental goals. In: J. Heckhausen (ed.), *Motivational psychology of human development. Developing and motivating development*. (pp. 213-231). Amsterdam: Elsevier.
- Hinde, R. A. (1976). *Interactions, relationships, and social structure*. *Man* (New Series), 11 (I), 1-17.
- Hinde, R. A. (1979). *Towards Understanding Relationships*. New York: Academic Press Inc.
- Hinde, R.A. (1987). *Individuals, relationships and culture: links between ethology and the social sciences*. Austrália: Cambridge.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. London: Psychology Press.
- Hutz, C. S., & Souza, L. K. (2008) Relacionamentos pessoais e sociais: amizades em adultos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13 (2), 257-265.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). Acesso em 31 de outubro, 2011, de <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/>>
- Irigaray, T. Q., & Schneider, R. H. (2008). Impacto na qualidade de vida e no estado depressivo de idosas participantes de uma universidade da terceira idade. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 25 (4), 517-525.

- Jorge, M. M. Perdas e ganhos do envelhecimento da mulher.(2005) *Psicologia em Revista*, 11 (17), 47-61.
- Kahn, R.L., & Antonucci, T.C. (1980). Convoys over the life course: Attachment, roles, and social support. In: Baltes P. B., & Brim, O. (Eds.) *Life-span development and behavior*. (Vol. 3, pp. 253-268), New York: Academic Press.
- Marques, J. (1993). Relações interpessoais e processos de grupo: O conceito de intimidade. *Psico (PUCRS)*, 24 (2), 9-22.
- Merrill, S. S., & Verbrugge, L. M. (1999). Health and disease in midlife. In S. L. Willis& J. D. Reid (Eds.), *Life in the middle: Psychological and social development in middle age* (pp.78-104). San Diego: Academic Press
- Minayo, M. C. S. (1996). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitex- Abrapso.
- Mori, M. E. & Coelho, V. L. D. (2004). Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (2), 177-187.
- Neri, A. L. (2007a). Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em Psicologia e em Sociologia. In: A. L. Neri (org.) *Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, Psicológicas e Sociológicas*. (3ª ed, pp.11-38). Campinas, SP: Papirus.
- Neri. A. L. (2007b). Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: Neri, A. L. (Org.). *Qualidade de vida e idade madura* (7ª ed, pp. 9-56). Campinas: Papirus.
- Nogueira, E.J. (2001) *Rede de relações sociais: Um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários*. Tese de

doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil.

Papalia, D. E & Olds, S. W.(2000). *Desenvolvimento Humano*. (7ª ed.). Porto

Alegre: Artes Médicas Sul.

Peron, S. I., Guimarães, L. S., & Souza, L. K. (2010). Amizade na adolescência e a entrada na universidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(3), 664-681.

Pontes, F. A. R., Magalhães, C. M. C., Brito, R. C. S. & Martin, W. L. B. (Org.).

(2005). *Temas Pertinentes a Construção da psicologia contemporânea*.

Belém: Editora Universitária – UFPA.

Raposo, D.M.S.P. (2006) A qualidade de vida de estudantes que ingressam na universidade na meia-idade. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 87 (217), 370-381.

Rawlins, W.(1992) *Friendship matters*. New York: Aldine de Gruyter.

Reis, L. M. A. (2001). *Maturidade: manual de sobrevivência da mulher de meia-idade*. Rio de Janeiro: Campus.

Rezende, C. (2002). *Os significados da amizade: Duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV

Samara, E. de M. (2002). O que mudou na família brasileira? (da Colônia à Atualidade). *Psicologia USP*, 13 (2), 27- 48.

Shea, L. Thompson, L., & Blieszner, R.(1988). Resources in Older Adults' Old and New Friendships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, 83-96.

- Silva, C, A. & Souza, S. V de (2006). O significado da chegada da meia-idade na perspectiva de um grupo de mulheres. *Revista de Iniciação Científica*, 4 (1), 101-111.
- Souza, L. K. & Garcia, A. (2008). Amizade em Idosos: Um panorama da produção científica recente em periódicos estrangeiros. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 13, 173-190.
- Souza, L. K. & Hutz, C S.(2007). Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *Psico-PUCRS*, 38 (2), 125-132.
- Souza, L. K. (2006). *Amizade em adultos: Adaptação e validação dos questionários McGill e um estudo de diferenças de gênero*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil..
- Toneloto, V. A. F. S.(1998). *Mulheres de Meia-Idade que frequentam a universidade*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Ventorini, B., & Garcia, A. (2004). Relação interpessoal: da obra de Robert Hinde à gestão de pessoas. *Psicologia: Organizações e Trabalho*, 4 (2), 117-144.
- Webber, F. & Celich, K.L.S. (2007). As contribuições da universidade aberta para a terceira idade no envelhecimento saudável. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 12, 127-142.
- Weiss, L. & Lowenthal, M. F. (1975). Life-Course Perspectives on Friendship. In: Lowenthal, M.F., Thurnher, M., Chiriboga, D. (Org.). *Four Stages of Life: a comparative study of women and men facing transitions*. San Francisco: Jossey-Bass.

6. ANEXOS

6.1. Roteiro de Entrevista

- 1 - Antes da universidade quais outras atividades você exerceu?
- 2- Quando entrou na universidade?
- 3- Quanto tempo ficou fora da escola?
- 4 - O que te motivou a voltar para Universidade?
- 5- Como ficou sua relação familiar a partir da entrada universidade?
- 6- Quais mudanças você mencionaria como sendo importantes em relação à família, marido, filhos a partir do seu ingresso na Universidade?
- 7- Sua família participa da sua vida acadêmica no sentido de conhecer os novos colegas, vivenciar com você as dificuldades e os sucessos da vida estudantil?
- 8- Respeitam sua ausência devido à trabalhos, congressos, etc.
- 9 - Houve mudanças de funções para que o “cotidiano do lar” não ficasse prejudicado com a sua ausência devido à escola?
- 10 – Como a família lida com a reorganização do lar, para que você possa sair para estudar?
- 11 - Como seu dia-a-dia foi afetado a partir da sua entrada na universidade? O que é agradável e o que é difícil, conflituoso?
- 12- Como está o relacionamento da sua família com você?
- 13- Como se sente fazendo parte do mundo acadêmico? O que muda quando volta pra casa?
- 14 - Como está sendo a experiência com o aprendizado agora?

- 15 - Fez novas amizades aqui? Como descreveria essas amizades?
- 16 – Como se diferenciam das amizades anteriores à sua entrada aqui?
- 17 - Existe um contato mais estreito, uma intimidade com essa nova amizade?
- 18 - Como se relaciona com as pessoas nesse no espaço acadêmico?
- 20- Estende essas amizades à sua família?
- 21 - Quais os maiores desafios que você enfrenta em relação à vida estudantil?
- 22 - O que esse novo grupo representa em sua vida hoje.
- 23 - Hoje, que consequências a vida acadêmica trouxe para você tanto para sua vida pessoal como familiar. Eu gostaria que você falasse sobre o “voltar a estudar” e as consequências disso em sua vida.
- 24 - Como sua família partilha suas aspirações com você?
- 25- Quais os seus planos após a graduação?

6.2. Termo de Consentimento para participação em Pesquisa

Concordo em participar da pesquisa abaixo discriminada nos seguintes termos:

Pesquisa: “Mudanças percebidas nas relações familiares e de amizade por mulheres de meia-idade cursando a universidade”

Pesquisador e responsável pela coleta de dados: Sandra Bonfim Leonel

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Garcia

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGP/UFES)

Justificativa e objetivo da Pesquisa

Dados estatísticos apontam para um número expressivo de mulheres com idade acima de 40 anos, correspondendo a 35% do total da população feminina. As alterações que surgem durante a passagem para a meia-idade podem influenciar suas vidas, alterando e reconfigurando suas relações. Dada a escassez de estudos científicos que considerem essa temática, pontuamos a importância da pesquisa. Entendemos que a Psicologia, com suas ferramentas teórico-metodológicas, podem contribuir para melhor compreensão dessa temática e assim reafirmamos a relevância desse estudo.

Essa pesquisa tem como objetivo investigar como mulheres de meia idade, casadas e com filhos, significam a vida acadêmica e como se dão as mudanças em suas relações interpessoais familiares e de amizade a partir da sua inserção em uma das graduações da Universidade Federal do Espírito Santo.

Descrição dos procedimentos aos quais os participantes serão submetidos

Serão realizadas entrevistas individuais com roteiro semi-estruturado. As entrevistas serão gravadas em áudio, desde que os participantes concordem. A participação é voluntária, estando o participante livre para interromper a entrevista em qualquer momento da pesquisa. Fica assegurado também o anonimato do participante.

Benefícios esperados

Os resultados da pesquisa serão apresentados em meio acadêmico, a partir da apresentação em congressos, sendo possível ainda a publicação dos resultados em anais de eventos científicos, artigos e livros de Psicologia, contribuindo para a reflexão da temática estudada.

Contatos

Pesquisador: Telefone: 27 99600803 - E-mail: sandrabonfimleonel@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa (www.ccs.ufes.br/cep) Telefone - 3335-7211

E-mail: cep@ccs.ufes.br ou CEP.ufes@hotmail.com

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

Nome:

Documento:

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias.

Participante

Sandra Bonfim Leonel

Vitória, _____ de _____ de 2012.